



## **As relações comerciais entre Brasil e Oriente Médio: uma análise política e quantitativa**

### **The commercial relations between Brazil and the Middle East: a political and quantitative analysis**

Amanda de Castro Lana  
João Pedro Sales Moura  
João Victor de Sá Resende  
Lucca Henrique Gustavo Rodrigues  
Marcílio Antônio da Silva Neto  
Rafael Braz de Oliveira

#### **Resumo**

As relações diplomáticas e comerciais entre Brasil e os países do Oriente Médio possuíram diversas facetas durante os séculos. Desde a visita de Dom Pedro II até ajudas durante os choques do petróleo da década de 1970, o Brasil e a região estreitaram seus objetivos em uma caminhada junto às aproximações do Sul global. Para análise das relações com escopo comercial, foi feita uma investigação histórica a partir do regime militar brasileiro, a continuação com os governos Lula e Dilma, assim como uma pesquisa quantitativa do volume de exportações e importações entre os dois atores globais.

**Palavras-chave:** Oriente Médio; Brasil; relações comerciais.

#### **Abstract**

*The commercial and diplomatic relations between Brazil and the Middle East have had multiple facets toward the centuries. Since Dom Pedro II's visit until assistences during the oil shocks in the nineteen seventies, Brazil and the countries of the Middle East assembled their objectives into a approximation path of the global South. Therefore, for the analisys of the relations with the commercial escope, it was made a historical investigation starting in the military regime, the continuation with the Lula and Dilma mandates, as well as a quantative research of the exportation and importation volumes between the two global actors.*

**Keywords:** Middle East; Brazil; commercial relations.

## **1. Introdução**

O presente trabalho visa à análise da política externa brasileira e seu posicionamento político-econômico frente o Oriente Médio do século XX até os dias atuais. Para tanto, fez-se uso de uma reconstrução histórica dessas relações e uma análise quantitativa dos dados do comércio entre o Brasil e a região.

A projeção histórica tem seu primeiro foco na década de 70, quando em razão dos choques de petróleo, o governo militar adotou uma política externa pragmática para contornar a situação. Os laços econômicos com o Oriente Médio foram de suma importância para suavizar os efeitos negativos da elevação do preço desse produto, mas constitui-se em apenas uma aproximação momentânea, sendo a década seguinte marcada pela diminuição do comércio entre as regiões.

Em seguida, foi posta em perspectiva a reaproximação no início dos anos 2000 com a região devido à política baseada na cooperação Sul-Sul do governo Lula. O comércio e as relações diplomáticas se desenvolveram largamente no período, principalmente pelo alinhamento ideológico entre esses países e o Brasil. Analisa-se também a gestão Dilma e um esfriamento dessas relações, muito embora ainda tenham se mantido muito superiores aos números e iniciativas anteriores aos governos do PT.

Por último, são expostos dados relativos a volume de exportações e importações agregados, bem como de valores desagregados por origem: vegetal, animal, mineral e química. Além disso, observa-se o *market share* entre os países do Oriente Médio e o Brasil, dando enfoque no mercado de carne, importante bem transacionado com a região.

## **2. Gênese, governo militar e pragmatismo comercial**

A entrada do Brasil no Oriente Médio foi iniciada por Dom Pedro II, quando o mesmo visitou a região. Essa visita não teve objetivos comerciais, mas sim um escopo espiritual e religioso. Até antes da Segunda Guerra Mundial, os laços entre os países envolvidos se davam principalmente pela grande quantidade de sírios e libaneses que viviam no Brasil e alguns poucos acordos assinados com Egito e Irã. A presença brasileira na região cresce após o diplomata brasileiro Oswaldo Aranha presidir a

sessão da ONU em que seria votada a criação do Estado de Israel após a partilha da Palestina.<sup>1 2</sup>

De outro modo, porém, a relação do Brasil em relação aos conflitos palestinos e israelenses era levada de maneira equidistante. Essa postura significa que o Brasil tem, de acordo com Santana (2006), “posição única e equilibrada”<sup>3</sup> e assim pode contribuir, mesmo que pouco, para a resolução do conflito. Esse tipo de equidistância para os conflitos nesta região muda substancialmente durante a década de 1970.

O marco inicial para as novas relações contemporâneas entre o Brasil e os países do Oriente Médio foi durante o governo militar, principalmente no que tange aos choques do petróleo, que marcaram época ao aumentar os preços do barril de petróleo para níveis inimagináveis. A *commodity* tinha um papel central na economia brasileira, que, no período, importava a maior parte do petróleo consumida no país. A importância do petróleo se dava durante o Plano Nacional de Desenvolvimento que estava a pleno vapor, logo a matriz energética mais utilizada era a advinda do petróleo.

Em 1973, ocorre o 1º choque do petróleo por conta da Guerra do Yom Kippur e o preço do barril da commodity quadruplicou. Para fugir de perdas econômicas mais graves, o Brasil procurou aumentar suas relações com o Oriente Médio, especialmente com o Iraque<sup>4</sup>, pois este país importava desde alimentos a manufaturados brasileiros ao mesmo tempo em que era o principal exportador de petróleo para o mercado nacional. O Brasil, que era o maior importador de petróleo entre os países emergentes, possuía um grande descompasso entre suas importações e exportações para o Oriente Médio, quadro que se reverte no século XXI, como será visto nas sessões posteriores. Tendo em vista esse grande déficit na balança comercial, o Brasil além da necessidade de consumir o petróleo da região, também procurava meios para que conseguisse exportar para o Oriente Médio.

Inferiu-se dentro do governo, então, a emergência do pragmatismo em suas relações comerciais, que, mais tarde na década, se tornará mais latente. O Brasil se alia

---

<sup>1</sup> CID, Mauro. (2017). A estratégia brasileira no Oriente Médio: uma visão histórica no século XX. *Conjuntura Internacional*. Vol.14, N°.1, p.39 - 53, abr. 2017.

<sup>2</sup> KURI, Marta, Tawil (ed). *Latin American Foreign Policies towards the Middle East*. New York. Palgrade Macmillan. 2016.

<sup>3</sup> SANTANA, Carlos Ribeiro. (2006). O aprofundamento das relações do Brasil com os países do Oriente Médio durante os dois choques do petróleo da década de 1970: um exemplo de ação pragmática.

<sup>4</sup> FARES, Seme Taleb. (2007). O Pragmatismo do Petróleo: as relações entre o Brasil e o Iraque.

aos países do mundo árabe nas decisões em fóruns internacionais, nesse contexto, o Brasil une-se ao Reino da Arábia Saudita para fortalecer tais laços, porém a parceria não foi tão prolífica quanto se imaginava. Com o Iraque, ao contrário da Arábia Saudita, foi firmado o maior contrato, até então, por uma empresa brasileira no exterior, que dizia a respeito à ferrovia que ligava as cidades iraquianas de Bagdá e Akashat. Também em relação aos iraquianos, o governo militar brasileiro mostrou-se favorável à nacionalização da Iraq Petroleum Company em 1971 que se aproximou da Petrobras na época, e o Brasil se posicionou contra ao boicote aos iraquianos na ocasião. Essa relação estreita com o Iraque mais tarde, no segundo choque do Petróleo, foi ainda mais vantajosa, já que o país árabe se comprometeu a suprir a escassez de oferta por parte do Irã que se encontrava em diversos conflitos internos (SANTANA, 2006).

Ainda sobre o Iraque, durante a década de 1980, o país árabe se tornou o principal destino da exportação de armamentos da indústria bélica brasileira. Essa exportação era vista com bons olhos pelo Brasil, pois a fabricação em larga escala ao Iraque era adequada para o desenvolvimento da indústria no país. Do lado iraquiano, o governo de Hussein valorizava essa importação para diversificar os fornecedores de equipamentos bélicos do país. De acordo com algumas estimativas, as vendas de equipamentos de guerra brasileiros ao Iraque foram de cerca de US\$ 3 bilhões ao todo.<sup>5</sup> Ambos países também cooperaram para o desenvolvimento de tecnologias nucleares. Além de acordos para o desenvolvimento de energia nuclear em Angra, o governo brasileiro desenvolveu o “Programa Atômico de Tecnologia Nuclear”, com finalidade militar. Especula-se que o objetivo final do programa era viabilizar a fabricação de bomba atômica pelo Brasil por meio da associação com um outro país. Levando-se em conta que o Iraque pudesse deter o controle de algumas fases da tecnologia do processo nuclear, além de seu interesse em desenvolver sua capacidade nessa área, o país poderia ser o parceiro esperado pelo Brasil.

Ao analisar a postura brasileira frente aos países do Oriente Médio na década de 1970, a palavra pragmatismo aparece fortemente. Uma postura pragmática frente ao comércio exterior, é pautada primordialmente por uma ação pensada e a fim de maximizar os proveitos de um negócio entre as nações participantes, sem levar em

---

<sup>5</sup> FARES, Seme Taleb. (2007). O Pragmatismo do Petróleo: as relações entre o Brasil e o Iraque.

conta a organização interna dos países, ou seja, sem julgamentos ao espectro político nem religioso, apenas os benefícios eram observados ao fechar a negociação. O pragmatismo dessa época é mais enfático em uma votação na ONU, onde, por conta da relação entre o Brasil e os países islâmicos da região, a diplomacia brasileira votou a favor do projeto que determinava o sionismo como discriminação racial. Outro exemplo foi em 1979, quando o chanceler iraquiano exigia tanto o reconhecimento da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) quanto a abertura de um escritório em Brasília da OLP, que foi cedida pelo governo brasileiro. (SANTANA, 2006).

Os esforços brasileiros com base no pragmatismo, entretanto, não foram tão prolíficos a ponto de diminuir o déficit comercial com a região. Enquanto o Brasil se relacionava com o Iraque de maneira mais abrangente, já que aumentou a exportação de bens manufaturados, como veículos, alimentos, serviços de engenharia civil, os laços mudaram muito pouco com o restante dos países. Um indicativo desse problema de penetrar o mercado do Oriente Médio foi, na verdade, o aumento do déficit comercial que, segundo os relatórios do Ministério de Relações Exteriores, saltaram de um pouco mais de 320 milhões de reais, para cerca de 3,7 bilhões de reais. Além disso, o governo brasileiro lamentou a falta de *know-how* dos empresários nacionais, que não entendiam de maneira clara as especificidades do mercado no Oriente Médio. Aliado a este problema, outros obstáculos estiveram no caminho de tais relações comerciais, como, por exemplo, altos custos dos produtos brasileiros e o relativamente pequeno desenvolvimento industrial e financeiro do Brasil quando comparados aos países ricos. Portanto, mesmo a estratégia não sendo a mais acertada, o Brasil passou por duas crises do petróleo sem a mesma turbulência que outras nações tiveram. Logo, o resultado da década de aproximação não é pontualmente “bom” ou “ruim”.<sup>6</sup>

Isto posto, a partir de meados de 1980, o Brasil reduziu sensivelmente a dependência de importação de petróleo do Oriente Médio, incluindo o Iraque. Entre 1984 e 1985, o Brasil produzia cerca de 60% do petróleo que consumia. Aliado a esse aumento da produção brasileira, o preço do barril de petróleo diminuiu na metade da década, em decorrência, principalmente, do excesso da oferta.

---

<sup>6</sup> SANTANA, Carlos Ribeiro. (2006). O aprofundamento das relações do Brasil com os países do Oriente Médio durante os dois choques do petróleo da década de 1970: um exemplo de ação pragmática.

### 3. Governo Lula

O governo Lula, que se iniciou em 2003 com sua posse como presidente, foi caracterizado por um desejo de mudar o eixo comercial e financeiro das relações diplomáticas do Brasil. Nesse sentido, Lula e o chanceler das relações exteriores Celso Amorim trabalharam ativamente no sentido de diversificar os parceiros comerciais, bem como atuar num multilateralismo diplomático.

O modelo que mais descreve a política exterior desse período é conhecido como *modelo autonomista*, o qual descreve um maior ativismo nas questões internacionais bem como flexibilização e pragmatismo nessas iniciativas<sup>7</sup>. A cooperação Sul-Sul foi também um importante cerne das relações diplomáticas do período à medida que pautava quais eram as questões prioritárias nas negociações e acordos.

De acordo com Pino e Leite, tal estrutura era benéfica por três motivos: permitia maior intercâmbio de tecnologias voltadas para a solução de problemas similares (como melhora da agricultura em climas tropicais), pelo processo de concentração de investimento no setor privado internacional, dificultando a absorção direta ou subsidiada dessas tecnologias, além da baixa assistência provida pelos países desenvolvidos e queda na poupança internacional.

Ao observar as perspectivas brasileiras, tal política visava uma ampliação comercial em mercados menos desenvolvidos, nos quais o país poderia escoar produtos de maior valor agregado e se tornar menos dependente das exportações de *commodities* às potências europeias e estadunidense. Ademais, ela colocou o Brasil como protagonista e mediador dos conflitos internacionais, o que poderia ter levado a uma futura posição no Conselho de Segurança da ONU.

Portanto, a reaproximação com o Oriente Médio se apresentou como movimento inerente desse contexto. No primeiro ano de mandando, Lula realizou uma viagem presidencial a cinco países árabes: Síria, Líbano, Emirados Árabes, Egito e Líbia. Essa foi uma das primeiras atitudes práticas tomadas para estreitar as relações entre o Brasil e a região, tendo como resultado concreto o estímulo à realização da Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPA) e ao aumento das exportações para

---

<sup>7</sup> LIMA, Maria Regina Soares de. A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul. *Revista Brasileira de Política Internacional* v 48, n. 1, p.33-35, jan. 2005.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v48n1/v48n1a02.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

região<sup>8</sup>. A Declaração de Brasília, documento final da I Cúpula da ASPA de 2005, foi uma das inúmeras ratificações institucionais dessa convergência diplomática.

Entretanto, o governo brasileiro também sofreu críticas nesse movimento de aproximação com o Oriente Médio, principalmente por parte dos Estados Unidos. A gestão Bush mudou a orientação da sua política externa com a criação da "Guerra ao Terror" após o 11 de setembro e o discurso também extrapolava para seus parceiros político-comerciais. O Brasil também foi criticado por ter deixado de lado Israel na primeira viagem oficial do Lula à região, mostrando uma seleção de parceiros não alinhados com os interesses estadunidenses.

As críticas, todavia, não afetaram a política exterior da época uma vez que a intenção do governo se apresentava no sentido de estreitar as relações com países que representassem uma organização contra hegemônica. Dessa forma, a "onda rosa" vivida na América Latina na primeira década do século XX, o fortalecimento do Mercosul como bloco regional e o alinhamento ideológico dos governos Lula, Chávez, Kirchner e Vasquez com as ditaduras no Oriente Médio.

A organização social nesses países também foi um ponto de inflexão dentro da política multilateral. O "Estado de Segurança-Humana"<sup>9</sup> instaurado no Brasil frente à guerra às drogas era similar à organização antiterrorismo nos países árabes de modo que não só havia interesses econômicos nas relações, como também, interesses sociopolíticos. Embora os governos árabes fossem, em sua maioria, ditaduras, o Brasil se apresentou pragmático no intuito de diversificação de parceiros e debate sobre comércio, muitas vezes deixando questões humanitárias em segundo plano para fortalecer uma diplomacia "anticolonial".

No campo econômico, a aproximação entre Brasil e Oriente Médio seguiu a lógica da cooperação Sul-Sul e pode ser pontuada pela assinatura de Acordos de Livre Comércio entre o Mercosul e Israel, Egito, Marrocos, Turquia, Jordânia e Conselho de Cooperação do Golfo. Ademais, o governo brasileiro também assinou acordos de cooperação econômica e comercial com Barein, Catar e Kuwait<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> DE OLIVEIRA, Henrique Altemani; LESSA, Antônio Carlos. Relações internacionais do Brasil: temas e agendas. Editora Saraiva, 2006.

<sup>9</sup> AMAR, Paul (ed.). *The Middle East and Brazil: Perspectives on the new global south*. Indiana University Press, 2014.

<sup>10</sup> Com o Kuwait, foi aprovada uma emenda ao acordo assinado em 1975.

No setor privado, também houve convergência de capitais estimulados pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira e pela realização de foros e missões empresariais com Omã, Jerusalém, Belém, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Catar, Líbano e Irã.

Ao analisar os interesses diplomáticos, o Brasil tomou frente em diversas discussões como voz tanto da América Latina como representante dos interesses de paz pelo mundo. Tal cenário é bem exemplificado pela questão iraniana em 2010<sup>11</sup>, quando, ao lado da Turquia e o do Irã, o país estava negociando uma declaração comprovando que o programa possuía caráter pacífico. Embora os Estados Unidos e a França não tenham aceitado a proposta da Declaração Conjunta de Teerã, o Brasil estava se consolidando como intermediador diplomático consistente.

A política durante o governo Lula foi de suma importância para o estreitamento das relações com Oriente Médio, que haviam sido congeladas desde a década de 80. Uma diplomacia multilateral visando diversificação de mercados consumidores, atração e fluxo de investimento com novos parceiros alavancaram a economia doméstica no período bem como a melhoria da balança comercial com diversos desses parceiros.

A onda de otimismo e aproximação, todavia, foi abalada a partir de 2010 por dois motivos centrais. O primeiro diz respeito à figura bastante proeminente do Lula nas negociações que, embora tenha sido constantemente auxiliado pelo Itamaraty, foi bastante personalista com o rosto do nosso presidente. A segunda diz respeito a Primavera Árabe, a qual derrubou os principais ditadores da região e que eram bastante alinhados com a política externa brasileira.

Ou seja, com a eleição da presidenta Dilma Rousseff, o Brasil teve que iniciar um novo processo de diálogo com os países do Oriente Médio pois os acordos firmados na gestão anterior dependiam fundamentalmente do alinhamento entre Lula e os líderes desses países. Agora, sem essas duas peças, as relações começaram a mudar, muito embora a cooperação comercial e financeira entre as regiões tenha mantido seu processo de expansão.

---

<sup>11</sup> O Irã estava sendo acusado de enriquecer urânio acima do permitido pelas Nações Unidas no seu programa nuclear, possibilitando que esse seja usado para fins militares.

#### 4. Governo Dilma

Apesar do grande destaque da iniciativa diplomática do governo Lula, essa aproximação foi precedida por conexões já estabelecidas na sociedade brasileira pelos migrantes árabes gerações atrás, estes que estão inclusive inseridos em postos políticos de destaque, como por exemplo o ex-presidente Michel Temer e os ex-prefeitos de São Paulo, Gilberto Kassab e Fernando Haddad. A falta de participação direta dos países hegemônicos juntamente à ignorância do mundo em relação a essas ligações entre Brasil e os países Árabes causou uma surpresa generalizada na comunidade internacional acerca dessa aproximação.

A eleição de Dilma Rousseff, em 2010, coincidiu com o início da chamada Primavera Árabe, com a revolta na Tunísia, em que diversos países árabes no Oriente Médio e no norte da África promoveram rebeliões e protestos contra seus governos, demandando melhorias nas condições de vida, o que eventualmente culminou com a derrubada dos regimes de muitos desses países. As mudanças governamentais causadas pela Primavera Árabe trouxeram consigo a necessidade de reavaliar e modificar relações entre o Brasil e os países envolvidos, visto que há 8 anos vigoravam os efeitos das boas relações que o presidente Lula havia estabelecido com os ditadores que agora estavam sendo depostos. Dilma pretendia manter essas relações, adaptando-as conforme o contexto demandava.<sup>12</sup>

Quando Dilma, de fato, assumiu seu posto em 2011, a Primavera Árabe uniu-se aos debates acerca do reconhecimento da Palestina como um país e do programa nuclear iraniano, dificultando o posicionamento brasileiro ante as contradições já citadas. Posteriormente, em 2012, outro agravante se apresentou: os EUA de Obama utilizavam um discurso progressista enquanto acirraram sua postura intervencionista na América Latina, utilizando-se do discurso antiterrorismo para combater a ascensão de governos de esquerda, a chamada “onda rosa” que dominava os países da região. O Brasil, porém, percebe seu papel em um mundo mais dinâmico e multipolar, em que forças como Rússia, China etc., agiam de maneira cada vez mais independente da “agenda ocidental”, e se manteve diplomaticamente consistente e incisivo em relação ao Oriente Médio.

---

<sup>12</sup> AMAR, Paul (ed.). *The Middle East and Brazil: Perspectives on the new global south*. Indiana University Press, 2014. p.18

O contexto sociopolítico pré-Primavera Árabe foi permeado por relações políticas paradoxais entre a democracia brasileira e as ditaduras (que remetiam, de certa forma, às ditaduras latino-americanas do século XX, nas quais vários líderes atuais lutaram, inclusive a então presidente Dilma) árabes. A América Latina, em geral, tinha passado por um período de avanços nos campos político e social, se libertando de ditaduras militares e promovendo políticas progressistas e ideais democráticos, o que pouco se via no Oriente Médio à época. A opção por ignorar políticas antiprogressistas e antidemocráticas se relaciona à conjuntura, em que a opinião pública, em geral, se colocava contra o governo Bush; as ditaduras árabes eram muitas vezes retratadas pela mídia como atores de resistência à dominação norte-americana, muitas sendo inclusive originadas de revoluções anticoloniais.

Além disso, observava-se semelhanças estruturais, sociais e políticas entre o Brasil e o mundo árabe, tais como políticas de segurança pública voltadas à militarização sob a justificativa da guerra às drogas no caso brasileiro, e ao terror no caso árabe; também o crescimento de movimentos religiosos conservadores e fundamentalistas. Com a Primavera Árabe, os países envolvidos passam a questionar e desafiar esses valores antidemocráticos e conservadores, o que representou uma esperança de conciliação entre os valores mais progressistas da América Latina e suas ambições diplomáticas.

Porém, novamente, se destacam as contradições do Brasil acerca de suas aspirações. EUA, França e Israel se colocaram contra o programa nuclear iraniano, enquanto o Brasil tentou ser um mediador diplomático nessa questão e foi reprimido. Isso levou a um eventual esfriamento das relações diplomáticas e, depois de um tempo, também das relações comerciais com o Irã. Entretanto, o sentimento de solidariedade se manteve em muitos segmentos da sociedade e o confronto diplomático acabou por facilitar com que Brasília se posicionasse contrária à Washington em futuras decisões. Essa nova independência brasileira se apresentou, por exemplo, frente à questão da Guerra Civil na Líbia. O presidente norte-americano Barack Obama anuncia intervenção de suas forças armadas na Líbia enquanto em visita ao Brasil, que via essa

medida como imprudente e potencialmente prejudicial ao equilíbrio das forças de segurança global, além de ter interesses econômicos no país.<sup>13</sup>

Porém as posições ocidentais acerca de intervenções militares são aceitas pelo conselho de segurança da ONU mesmo antes de serem tomadas todas as medidas diplomáticas, e a soberania dos BRICS e de países do sul muitas vezes não é respeitada. Muammar al-Gaddafi, o ditador Líbio, é então deposto por uma intervenção militar apoiada pelos EUA, pela Europa e pelos países da região do Golfo Pérsico, que seriam recompensados com contratos para reparar os danos da guerra, além de petróleo e gás. Após essa deposição na Líbia, se acirram as tensões na Síria de Bashar al-Assad, porém, dadas as consequências da intervenção, que trouxe prejuízos econômicos aos países do Sul e a percepção por parte destes que os países do Norte estariam se precipitando em suas ações militares, a posição negativa por parte dos BRICS foi mais enfática em relação a uma intervenção da Síria, tendo China e Rússia vetado as resoluções da ONU que levariam a tal. Nesse contexto, o Brasil tenta novamente se colocar como uma liderança diplomática, na forma da nomeação de Paulo Pinheiro como Chairman of the UN Human Rights Council's Independent Commission of Inquiry on Syria. Pinheiro, então, apurou diversas infrações aos direitos humanos por parte do governo sírio, porém era contra uma intervenção militar, preferindo uma abordagem diplomática em parceria com a Liga Árabe. A comunidade árabe brasileira também pressionava por uma saída diplomática.

Portanto, Brasil sob Dilma Rousseff, mesmo que menos personalista e mais voltado à proteção de direitos humanos, se manteve fiel aos ideais diplomáticos de independência do eixo Sul<sup>14</sup> e estreitamento de laços com o mundo árabe. Esses posicionamentos também se fizeram presentes em questões locais, especificamente as questões fronteiriças e o caso do impeachment do presidente paraguaio Fernando Lugo<sup>15</sup>. Lugo foi o primeiro progressista eleito em 61 anos no país, que era governado pelo partido Colorado, conservador e apoiado pelos EUA. Em 2012, uma pequena crise política envolvendo trabalhadores sem teto foi o suficiente para a oposição maquinar

---

<sup>13</sup> Ortiz, Fabiola. (2011) "Brazil-US: Libya Attack Sours Obama-Rousseff Meeting." Inter Press Service (IPS) News Agency, 21 March. <http://www.ipsnews.net/2011/03/brazil-us-libya-attack-sours-obama-rousseff-meeting/>

<sup>14</sup> Kozloff, Nikolas. (2012) "Is Obama Wary of Brazil and Dilma Rousseff?" Al Jazeera, 5 May. <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/04/2012428134850333757.html>

<sup>15</sup> Santayana, Mauro (2012) "O golpe em Assunção e a triplice fronteira." Jornal do Brasil.

seu *impeachment*, visto por muitos governos, e pelo próprio Lugo, como um golpe parlamentar. Esse ocorrido ocasionou a suspensão do país do Mercosul, assim como represálias da Comissão Internacional de Direitos Humanos. Havia também a noção de que os EUA planejavam construir uma base militar na tríplice fronteira para combater o suposto terrorismo ligado ao Hezbollah que estaria ocorrendo na região<sup>16</sup>. Logo, tinham interesse em manter certo controle sobre o governo paraguaio, algo que seria mais difícil na gestão de Lugo.

Dado esse contexto, três campanhas para a liderança transregional do Brasil convergiram: resistir a influência militarista e golpista dos EUA, a restituição de laços tanto político-diplomáticos quanto culturais com o mundo árabe e o combate às políticas americanas de guerra ao terror que desconsideram e desrespeitam soberanias locais.

## **5. Análise quantitativa das relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio**

Após a análise do perfil político e econômico das relações comerciais entre Brasil e Oriente Médio entre as décadas de 1970 e 2010, essa seção tem como objetivo expor os dados das relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio nas últimas duas décadas. Os dados foram coletados da plataforma Comex Stat, onde são divulgadas mensalmente as transações de importação e exportação brasileiras, cujos dados são originados do SISCOMEX (Sistema Integrado de Comércio Exterior).

Os valores analisados não levam em conta os fretes dos produtos transacionados, ou seja, os valores estão em FOB - *Free On Board* (*Livre a bordo* em tradução literal).

Será exposta a participação do Oriente Médio nas importações e exportações totais do Brasil, a Balança Comercial, os principais produtos transacionados e origem das importações, assim como os destinos das exportações discriminados pelos países do bloco, nas últimas duas décadas.

---

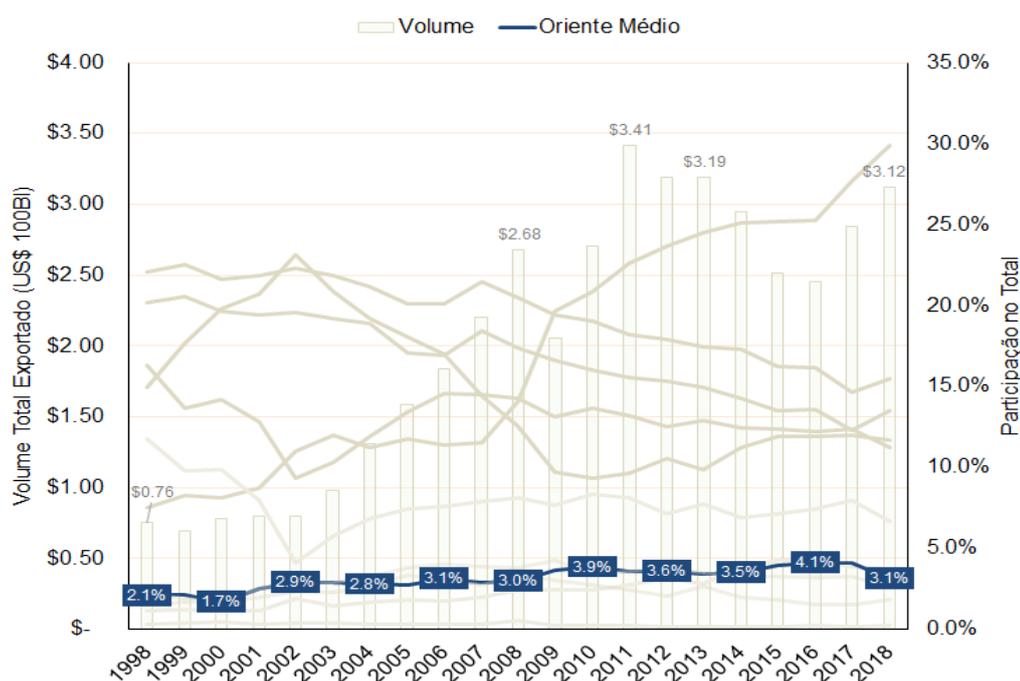
<sup>16</sup> Costanza, William (2012) “Hizballah and Its Mission in Latin America.” *Studies in Conflict and Terrorism* 35 (3): 193–210.

## 5.1. Oriente Médio e sua participação no comércio exterior brasileiro

### 5.1.1. Exportações

Entre os anos de 1998 e 2018, as exportações brasileiras aumentaram cerca de 313,02%, passando de cerca de US\$76 bilhões em 1998 para cerca de US\$ 312 bilhões no ano de 2018. No entanto, a participação do Oriente Médio no total exportado se manteve em proporções semelhantes no decorrer desse período. Nessas duas décadas, entre 2% e 4% de todas as mercadorias exportadas pelo Brasil teve como destino o Oriente Médio. Entre os onze blocos econômicos existentes, o Oriente Médio se manteve, nesses vinte anos, por volta da 8ª posição, à frente da África, América Central e Caribe e Oceania, respectivamente.

**Figura 1 - Participação do Oriente Médio nas Exportações Brasileiras**

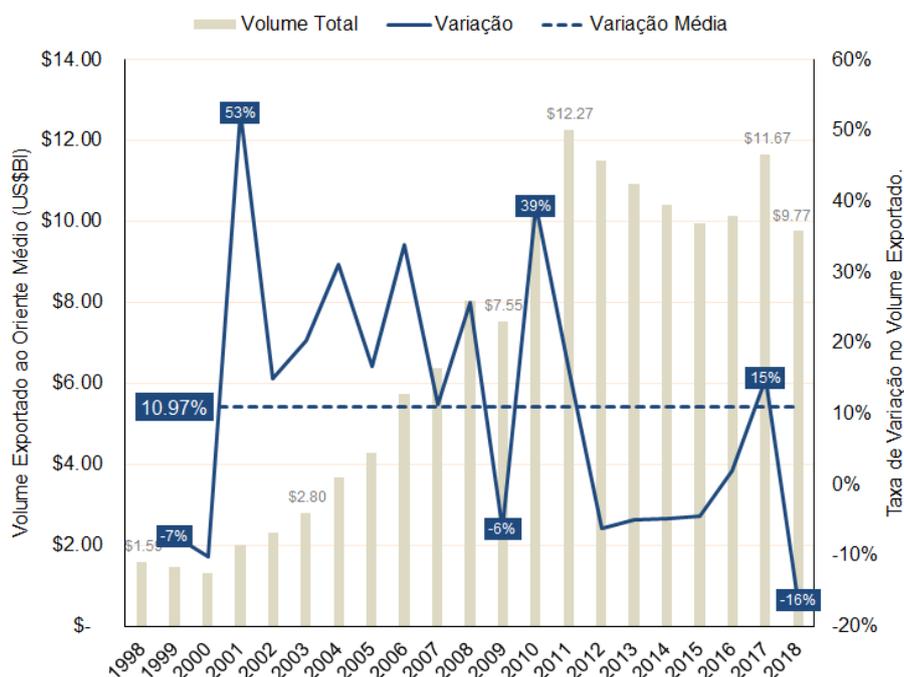


Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

O montante exportado apresentou uma taxa média de crescimento por volta de 10,97% ao ano no decorrer dessas duas décadas. Os anos de 2008 e 2018 apresentaram as maiores quedas nas exportações. Na Figura 2, é possível observar os efeitos da maior aproximação brasileira com o Oriente Médio nos dois mandatos do governo de Luiz

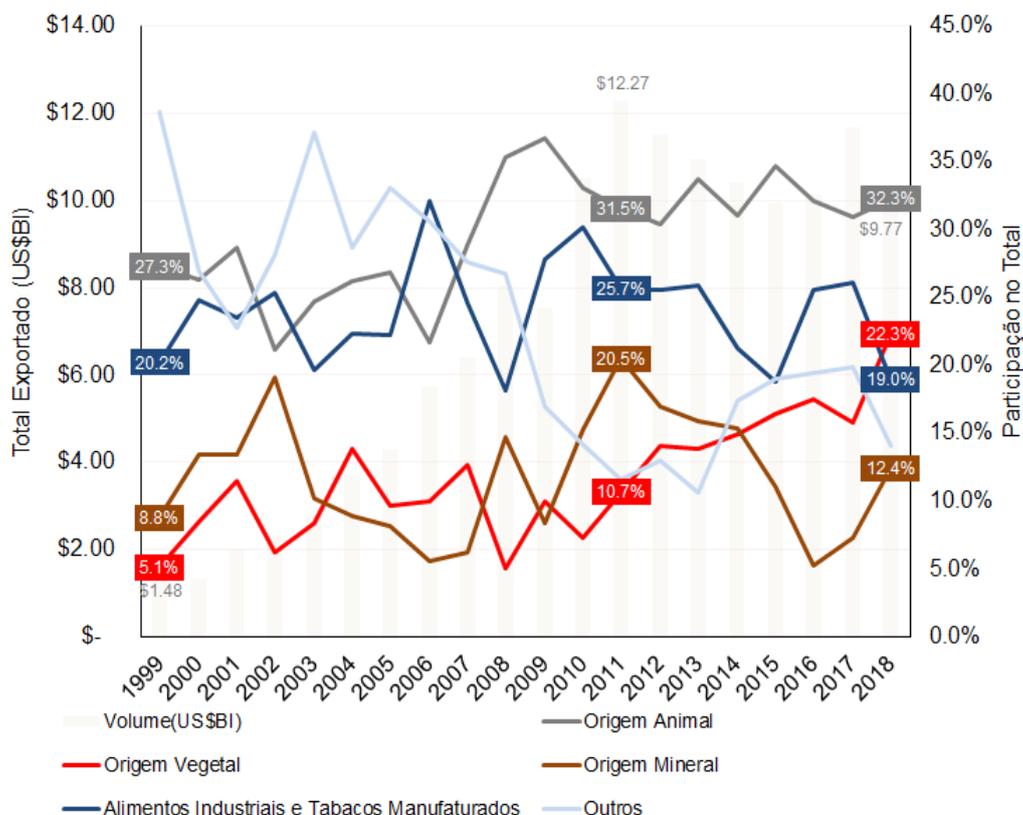
Inácio Lula da Silva, passando de US\$2,80 bilhões, em 2003, para US\$12,27 bilhões em 2010, ano com o maior volume exportado ao bloco econômico.

**Figura 2 - Exportações Brasileiras ao Oriente Médio**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Na cesta de produtos exportados ao Oriente Médio, quatro tipos se destacam: os produtos de origem animal, vegetal, mineral e também os produtos alimentícios industriais. Estes representavam cerca de 70% de tudo que é destinado ao bloco econômico entre os anos de 1999 e 2007, passando para mais de 80% nos anos posteriores, de 2008 a 2018. Na figura 3, é possível verificar o aumento contínuo da importância dos produtos vegetais, saindo de cerca de 5% para mais de 20% e também a parcela constante das exportações de produtos animais, representando, em média, um terço das exportações ao bloco.

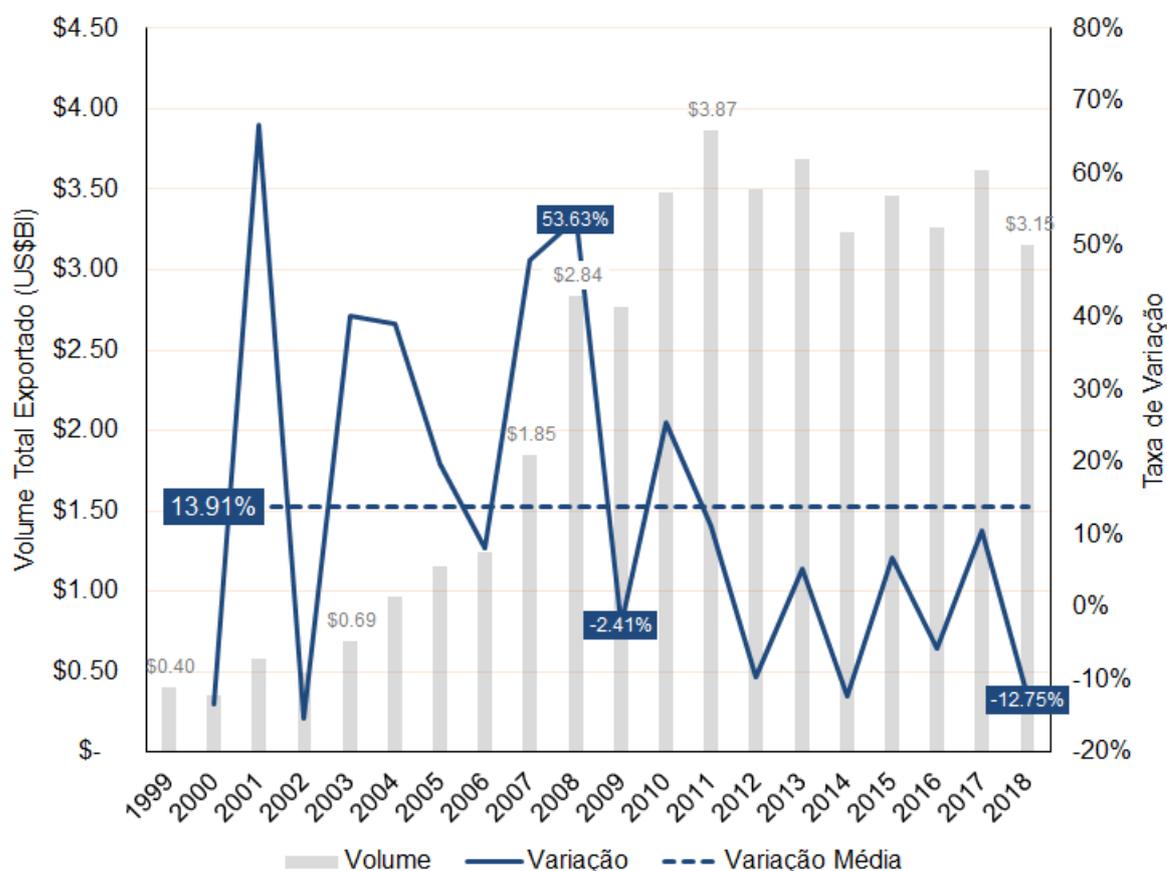
**Figura 3 - Principais Produtos Exportados ao Oriente Médio**

Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

### 5.1.2. Exportação de produtos de origem animal

As exportações de produtos de origem animal do Brasil ao Oriente Médio cresceram, em média, 13,91% ao ano, de 1999 a 2018. O último ano se destaca por apresentar a maior queda registrada no período, de cerca de -12,75%. Outro ponto observado é, novamente, a ascensão do montante exportado no período do Governo Lula, passando de cerca de US\$690 milhões em 2003 para US\$3,87 bilhões em 2011, um aumento de 460,87% no volume total exportado. Observa-se também que em 2008, quando a economia passou para uma recessão global, é possível constatar a maior alteração em termos absolutos durante essas duas décadas, uma variação de quase US\$ 1 bilhão a mais, um crescimento de cerca de 53,63% em relação a 2007.

**Figura 4 - Exportações Brasileira de Produtos de Origem Animal ao Oriente Médio**

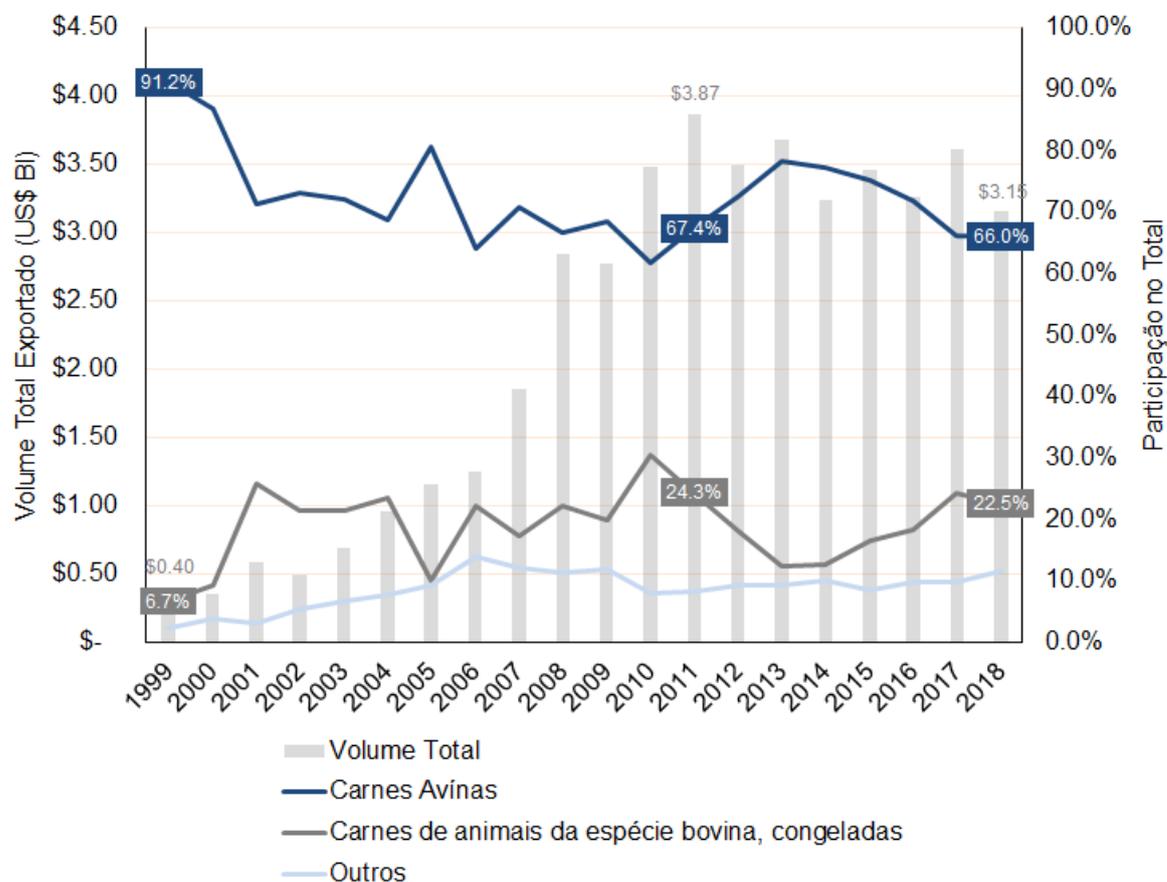


Fonte: Comex Stat; elaboração: Própria

Dentre os principais produtos de origem animal exportados, carnes bovinas congeladas e carnes e miudezas de aves, congeladas e frescas, compõem cerca de 90% de tudo de origem animal que é exportado ao Oriente Médio nas duas últimas décadas. Essa participação expressiva ocorre pelo fato de alguns frigoríficos brasileiros possuírem as qualificações necessárias para exercer o abate *'Halal'*<sup>17</sup> dos animais, que é o tipo de abate que respeita as restrições religiosas cujos países com tradições islâmicas possuem. Dessa forma, o Brasil possui vantagem nas vendas desses tipos de produtos para a maioria dos países do bloco econômico em questão.

<sup>17</sup> De acordo com o Conselho Islâmico de Alimentação e Nutrição da América (**Afanca**) - em inglês, *'Islamic Food and Nutrition Council of America'* -, *'Halal'* é uma palavra árabe que significa "permitido", e se aplica a todas as esferas do cotidiano islâmico. Neste contexto é utilizado para classificar produtos de beleza, carnes, ingredientes alimentícios, produtos de cuidado pessoal e materiais que entram em contato com os alimentos.

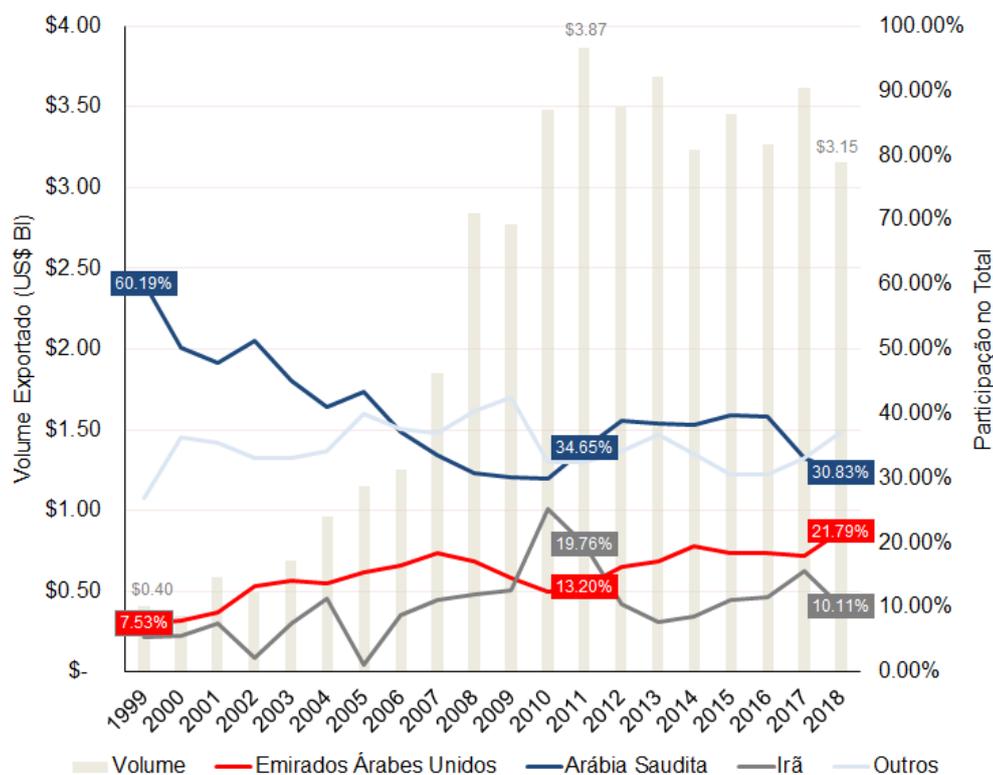
**Figura 5 - Produtos de Origem Animal Exportados ao Oriente Médio**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Uma análise dos principais países que as exportações de carnes ao Oriente Médio se destinam, se destacam a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Irã, como responsáveis por uma parcela média de cerca de 65% de toda a exportação anual dos produtos de origem animal ao Oriente Médio. A Arábia Saudita teve sua participação perante o total reduzida de dois terços, em 1999, para um terço em 2018. Já os Emirados Árabes Unidos foi o único, dentre os os principais, a aumentar sua participação no período do governo Dilma e Temer.

**Figura 6 - Destino dos Produtos de Origem Animal Exportados ao Oriente Médio**

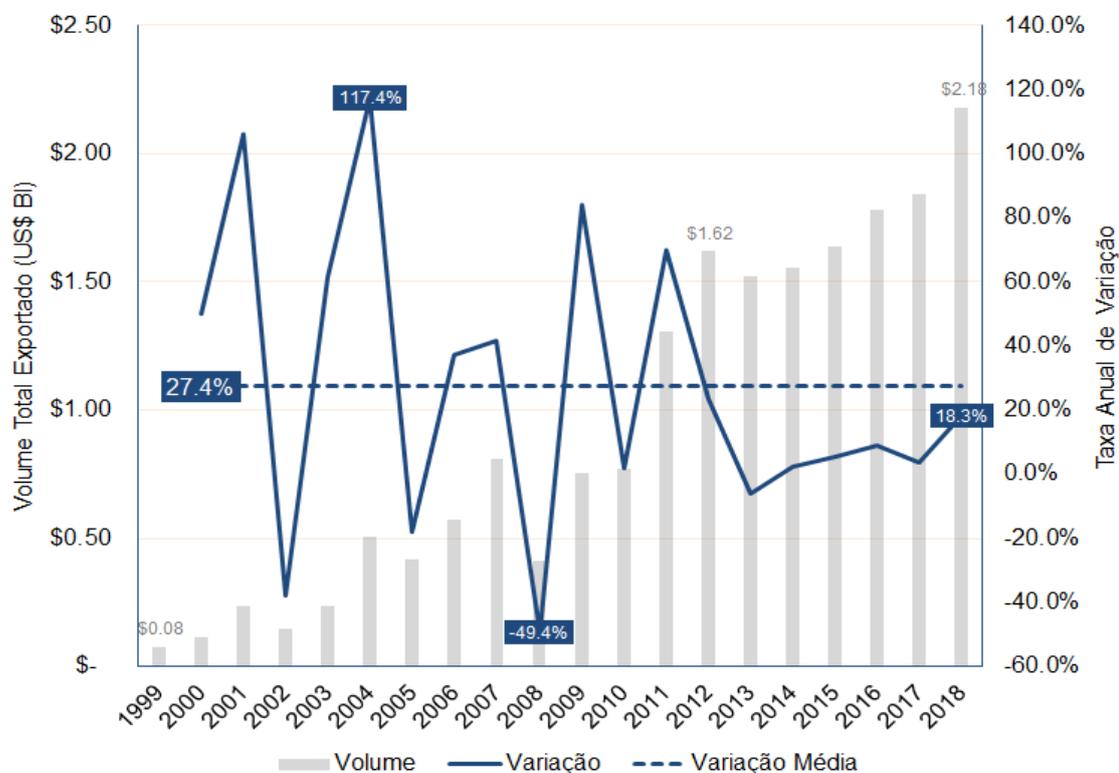


Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

### 5.1.3. Exportação de produtos de origem vegetal

Entre as quatro categorias principais de produtos analisados, os produtos de origem vegetal foram aqueles que apresentaram o maior crescimento anual médio, de cerca de 27,4%. O produto total exportado apresentou o maior valor no ano de 2018, um montante total de cerca de US\$ 2,18 bilhões exportados somente neste ano. O valor de 2018 representa um aumento de 2789,92% em relação às exportações de 1999, que foram cerca de US\$ 8 milhões. A maior queda verificada foi no ano de recessão mundial, em 2008, de cerca de quase 50% em relação a 2007, como a Figura 7 mostra.

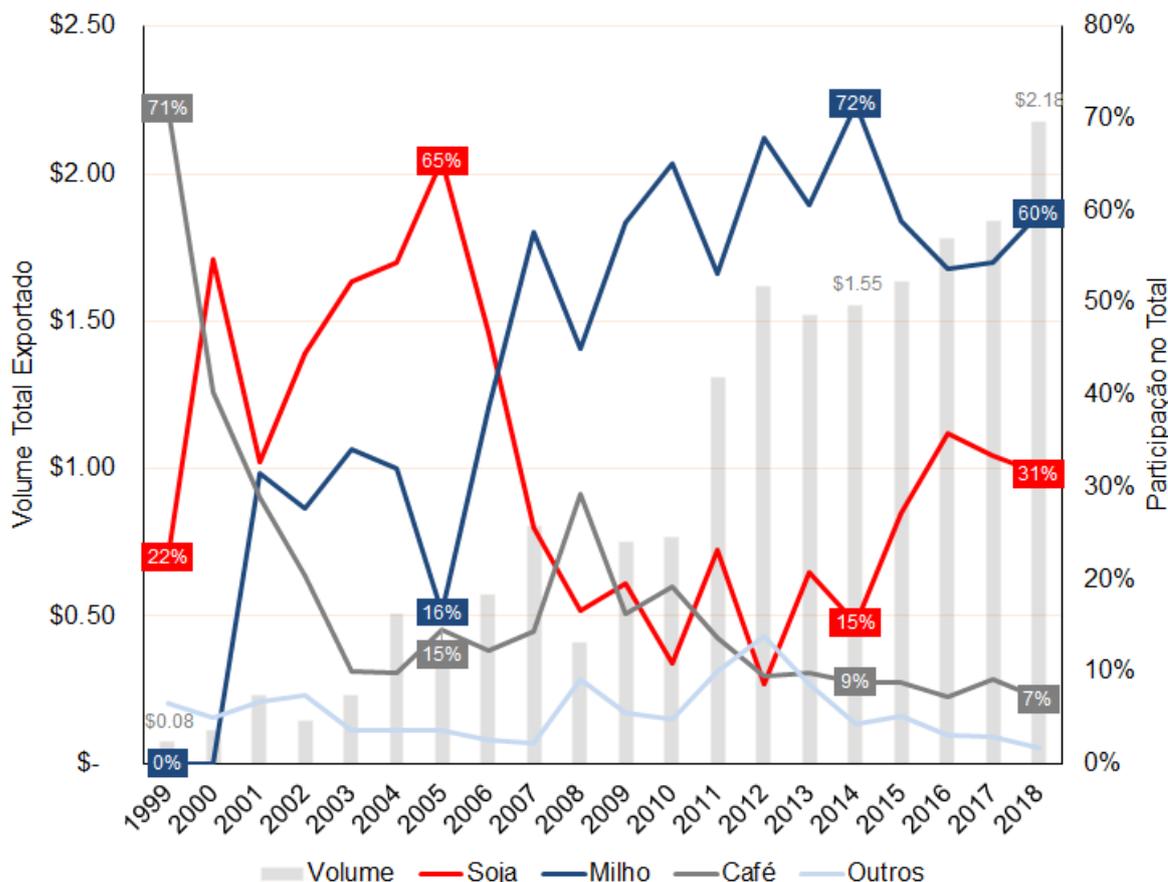
**Figura 7 - Exportação de Produtos de Origem Vegetal Exportados ao Oriente Médio**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Sob uma análise por produtos de origem vegetal exportados, é possível constatar mudanças no principal produto demandado no decorrer dessas duas décadas. Em 1999, verifica-se a hegemonia da demanda por café, representando 71% das exportações. Nos 6 anos posteriores, a soja toma o protagonismo e chega a representar 65% das exportações vegetais. No ano de 2006, o milho empata com a soja e, até 2018, representa o principal produto exportado. Simboliza até 72% de todos os envios anuais de produtos vegetais do Brasil ao Oriente Médio. Os três produtos em conjunto representam, em média, 94% de todos os produtos vegetais brasileiros demandados pelo Oriente Médio.

**Figura 8 - Principais Produtos de Origem Vegetal Exportados ao**

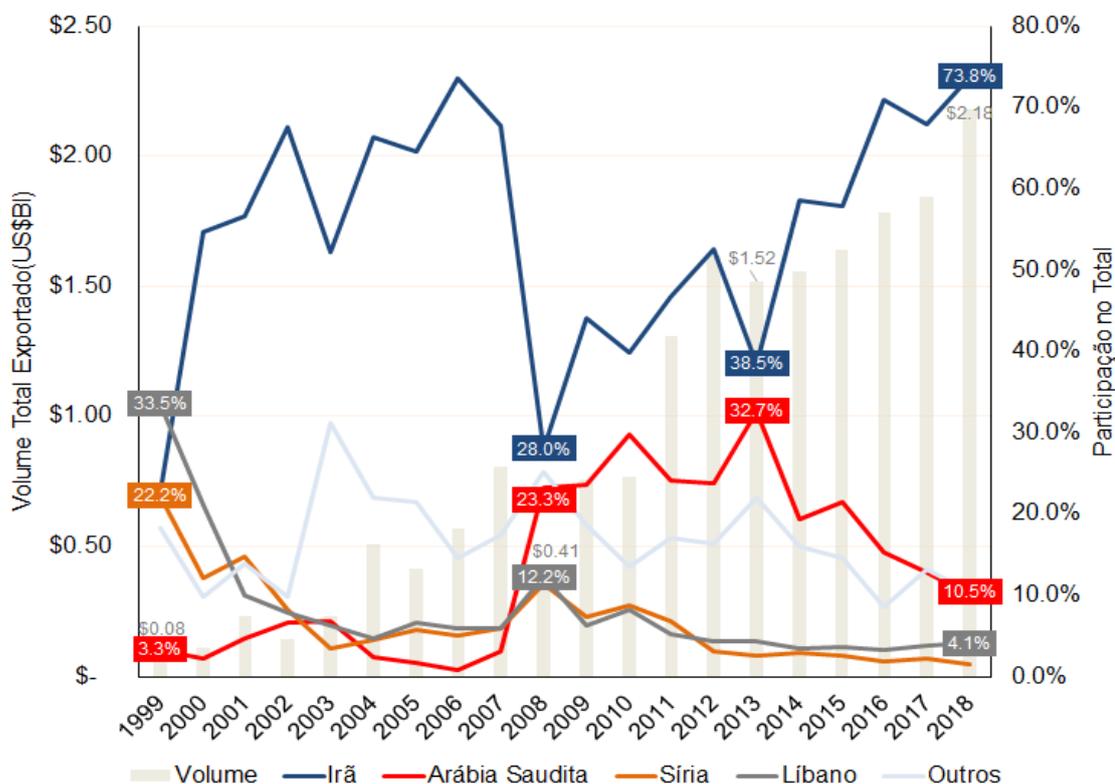


### Oriente Médio

Fonte : Comex Stat; elaboração: própria

Os principais destinos desses produtos também passaram por mudanças no período. Em 1999, Síria, Líbano e Irã representavam cerca de 80% do total exportado. No entanto, a partir de 2000, o Irã sozinho começou a representar, em média, cerca de 63% das exportações vegetais brasileiras ao Oriente Médio até 2008, ano em que a participação do mesmo caiu para 28% e a Arábia Saudita surge com uma parcela de 23,3% dessas exportações. De 2009 até 2014, Irã e Arábia Saudita continuaram a representar parcelas próximas e, a partir de 2015, o Irã novamente volta a representar porcentagens altas, chegando, no ano de 2018, a representar 73,8% das exportações vegetais brasileiras ao bloco.

**Figura 9 - Destino dos Produtos de Origem Vegetal Exportados ao Oriente Médio**

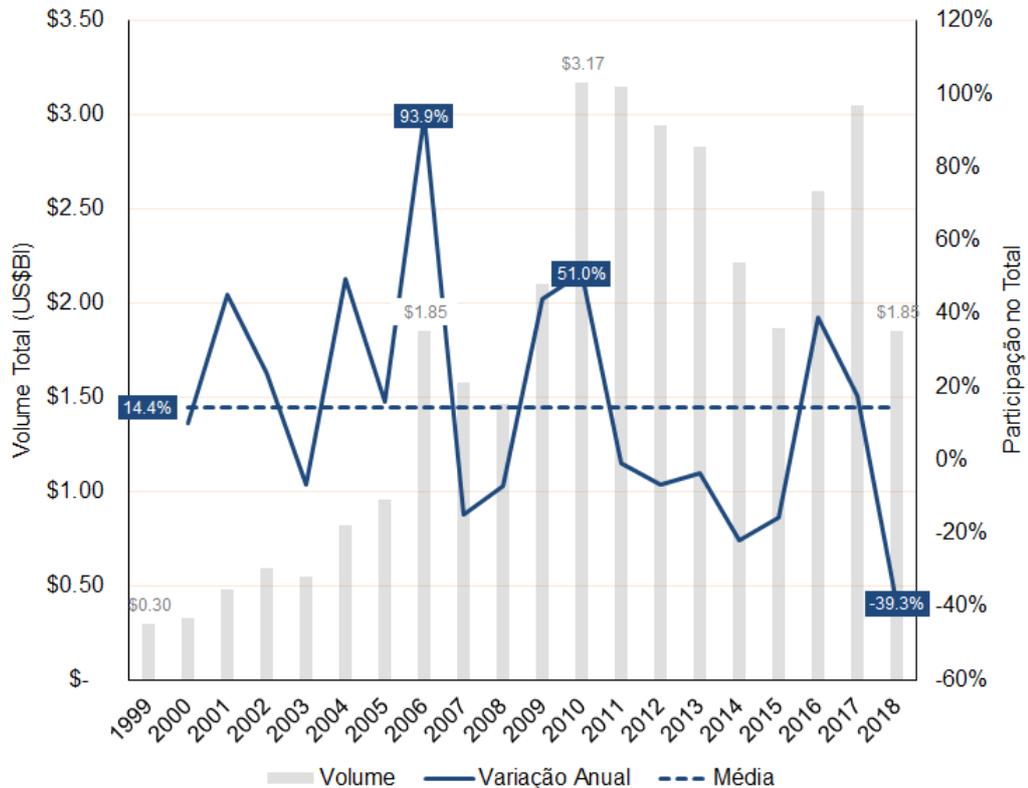


Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

#### 5.1.4. Exportações da indústria alimentícia

Essa categoria leva em conta, além de alimentos, também tabacos manufaturados, bebidas e vinagres. Mesmo apresentando a maior queda no volume exportado no ano de 2018, de cerca de 39,3% em relação a 2017, ainda assim essa categoria representou o terceiro maior volume dentre os produtos exportados ao bloco. A subdivisão apresentou um crescimento anual médio de 14,4%, sendo o maior volume enviado ao Oriente Médio registrado em 2010. Em 2018, o volume exportado chegou a patamares notados em 2006, registrando um volume de US\$1,85 bilhões.

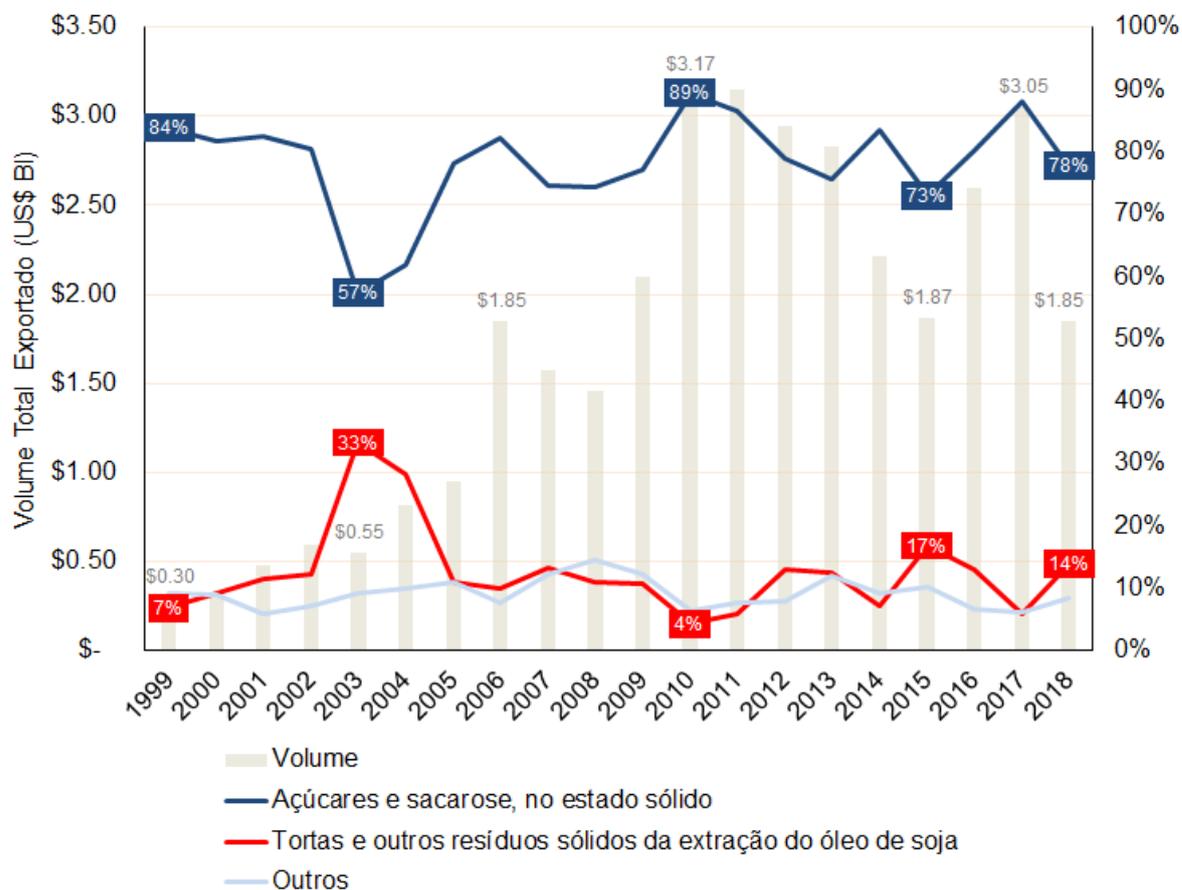
**Figura 10 - Exportação de Produtos Alimentícios ao Oriente Médio**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria.

Os principais produtos exportados nesta categoria são os açúcares e sucralose, no estado sólido, e as tortas e outros resíduos sólidos extraídos na produção do óleo de soja. Este último é utilizado, em geral, para a produção de biomassa com vistas à geração de energia.

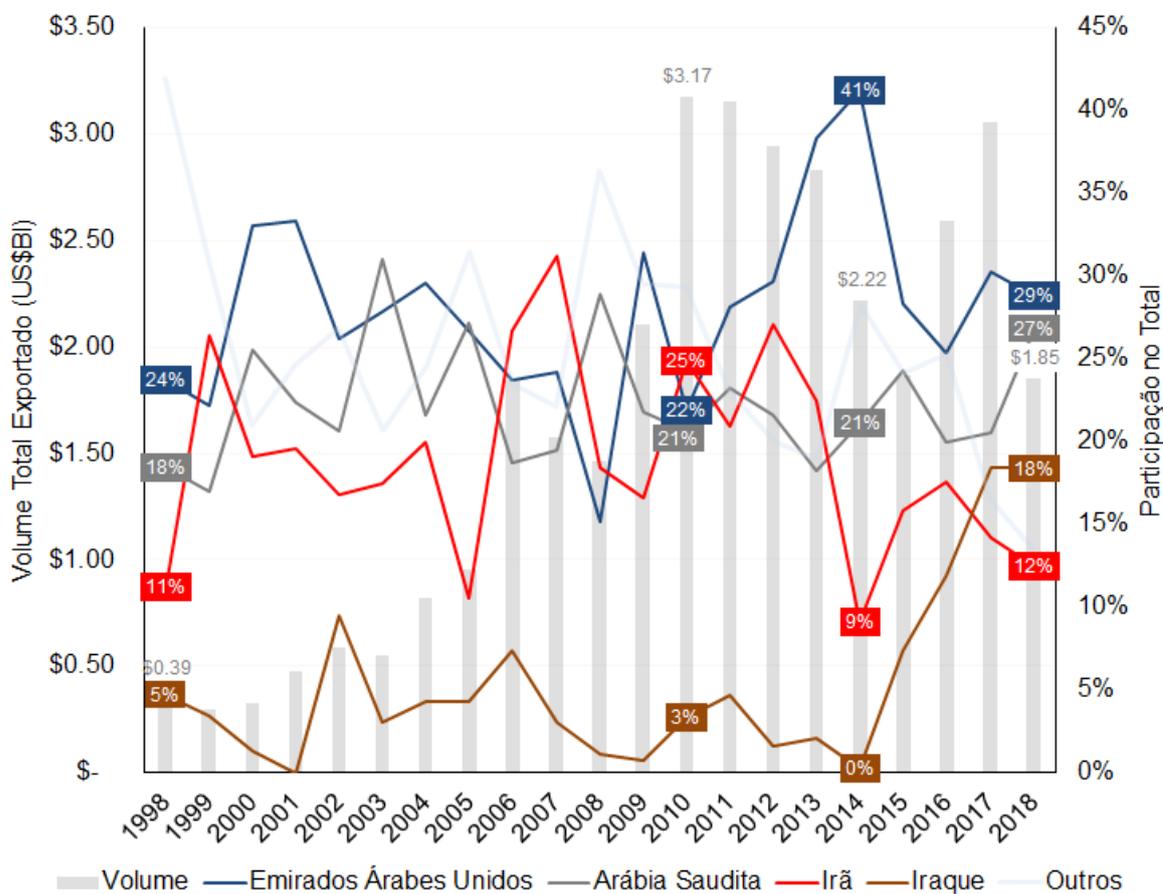
Como pode ser observado na Figura 11, cerca de 80% de todos os produtos alimentícios industriais exportados ao ano é composto por açúcares. Os resíduos de soja representam, em média, 10% do total anual nas duas décadas analisadas. No ano de 2010, houve o maior volume exportado de açúcar, um registro próximo a US\$ 2,84 bilhões, representando 89% da categoria exportada neste ano.

**Figura 11 - Principais Produtos Alimentícios Exportados ao Oriente Médio**


Fonte : Comex Stat; elaboração: própria

Os Emirados Árabes Unidos, a Arábia Saudita e o Irã são os principais países do Oriente Médio a que são destinados esses produtos, representando, em média, cerca de 70% do volume anual exportado. Destaca-se o crescimento obtido pelo Iraque, a partir de 2015, que apresentou sua maior parcela no ano de 2018, ficando na terceira posição no montante total exportado desses produtos brasileiros.

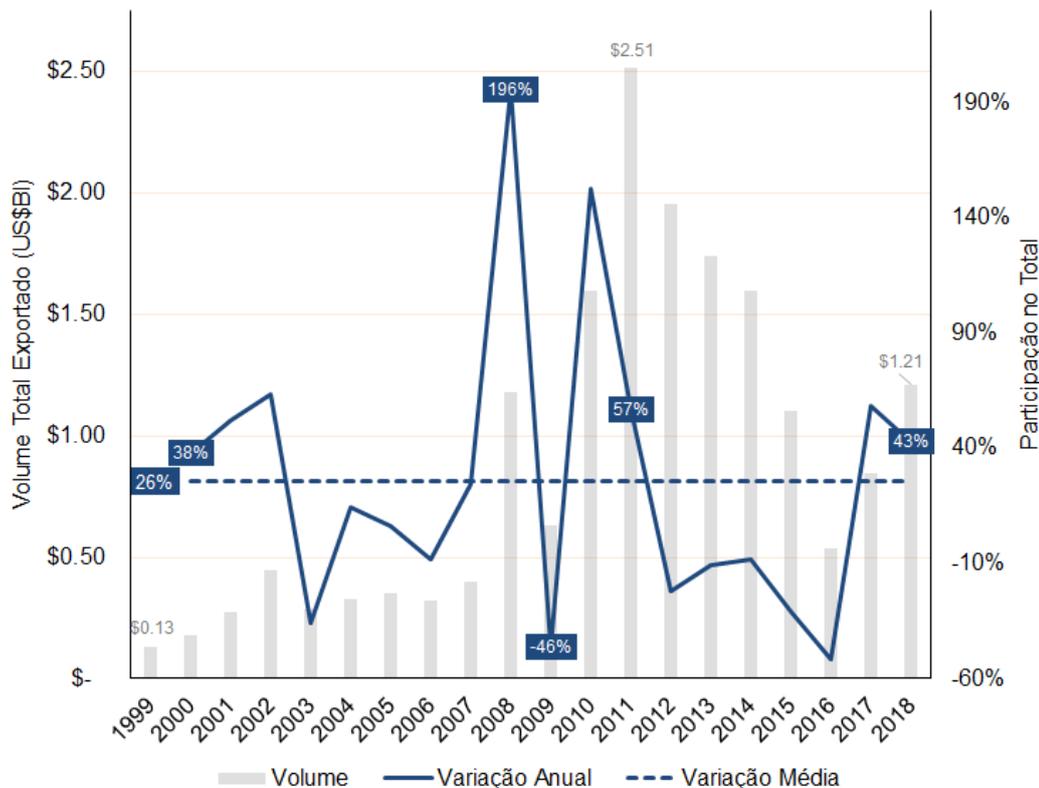
**Figura 12 - Destino dos Produtos de Origem Vegetal Exportados ao Oriente Médio**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

### 5.1.5. Exportação de produtos minerais

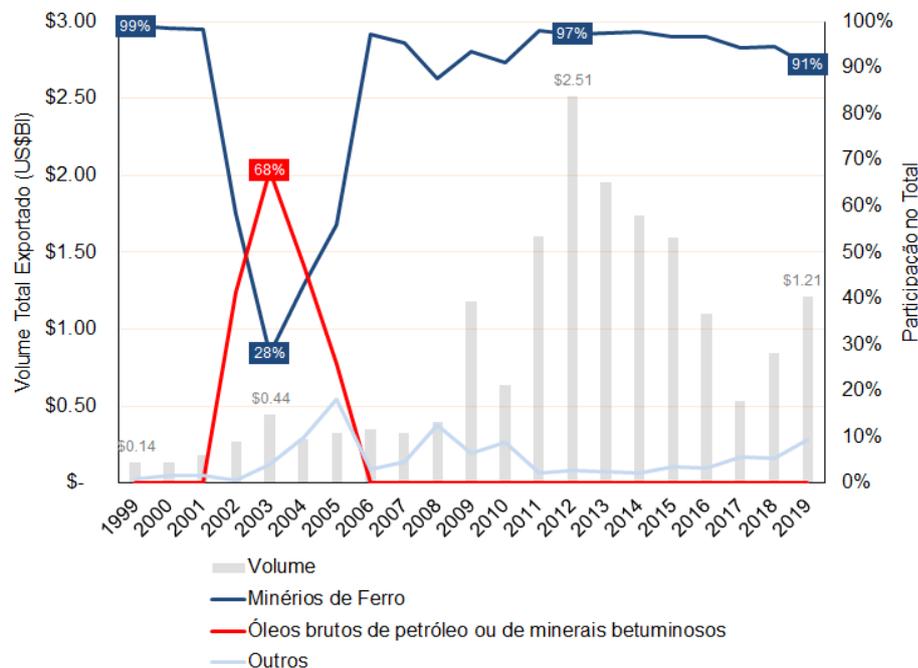
A exportação brasileira de produtos minerais ao Oriente Médio obteve um crescimento médio de cerca de 26% ao ano entre os anos de 1999 e 2018. Observa-se também um crescimento expressivo novamente no ano de 2008, de quase 200% em relação a 2007. O ano que obteve o maior volume exportado foi 2011, com US\$2,51 bilhões exportados em produtos minerais ao bloco. Após essa máxima histórica, o volume enviado sofreu repetidas quedas até 2016, voltando a patamares próximos de 2009, em que houve a maior queda anual registrada. Já os dois anos posteriores foram marcados por uma retomada na exportação. O ano de 2018 registrou um volume de US\$1,21 bilhões exportado, patamares próximos ao ano de 2008.

**Figura 13 - Exportação de Produtos Minerais ao Oriente Médio**

Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Dentre os principais produtos de origem mineral exportados, o minério de ferro possui parte expressiva no volume total. Com exceção dos anos de 2001 a 2005, este composto foi responsável por, em média, 96% de todo o volume de minerais brasileiros exportados anualmente ao bloco. Este período de exceção houve por um crescente volume de óleo bruto de petróleo brasileiro exportado aos Emirados Árabes Unidos, que chegou a US\$ 301 milhões de dólares, em 2002, e houve ainda um decréscimo no volume absoluto de minério de ferro exportado no mesmo período.

**Figura 14 - Principais produtos minerais exportados ao Oriente Médio**

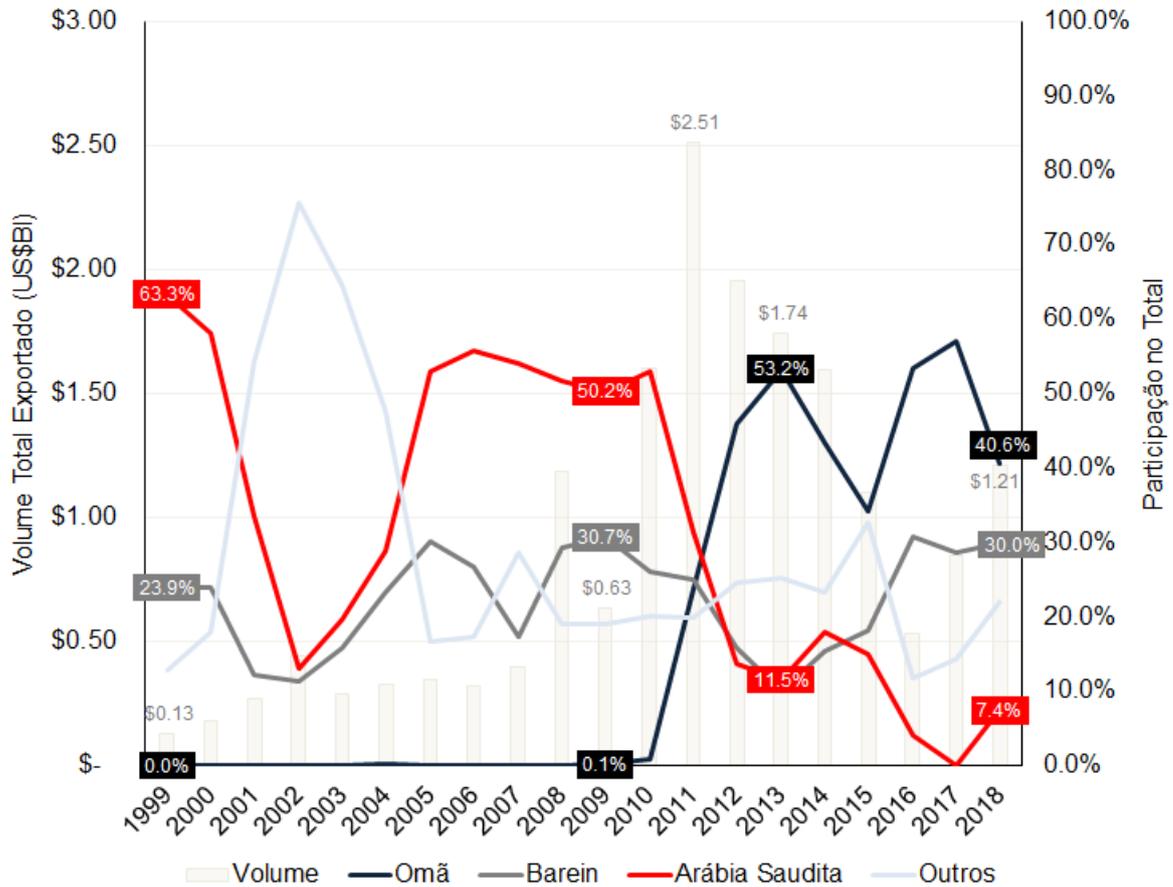


Fonte: Comex Stat; elaboração: Própria

Uma análise dos principais destinatários desses produtos evidencia que houve mudanças nas parcelas responsáveis por cada país. De 1999 até 2010, Arábia Saudita e Barein representavam cerca 72,9% de todo o volume exportado, com exceção de 2002 e 2003, anos que, como mencionado, foram marcados pela expansão nas exportações de petróleo bruto aos Emirados Árabes Unidos. A partir de 2009, houve uma mudança nesse cenário. A Vale, empresa de mineração brasileira, começou sua operação em Omã e, em 2012, concluiu a construção de um centro de distribuição e unidade de pelotização no Complexo Industrial do Porto de Sohar, no Sultanato de Omã<sup>18</sup>, tornando-o um parceiro comercial na região. Após isso, Omã começou a representar mais da metade das exportações de minério de ferro brasileiras. Barein se manteve constante durante todo o período e representou, em média, um terço dos envios brasileiros. Já a Arábia Saudita passou de dois terços das exportações no começo do período para um pouco menos de 10% no final do período.

<sup>18</sup> VEJA.com. (03/03/2012). *Vale inaugura fábrica de tratamento de minério de ferro em Omã*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/vale-inaugura-fabrica-de-tratamento-de-minerio-de-ferro-em-oma>> [acesso em: 21/08/ 2019].

**Figura 15 - Destino dos produtos de origem mineral exportados ao Oriente Médio**

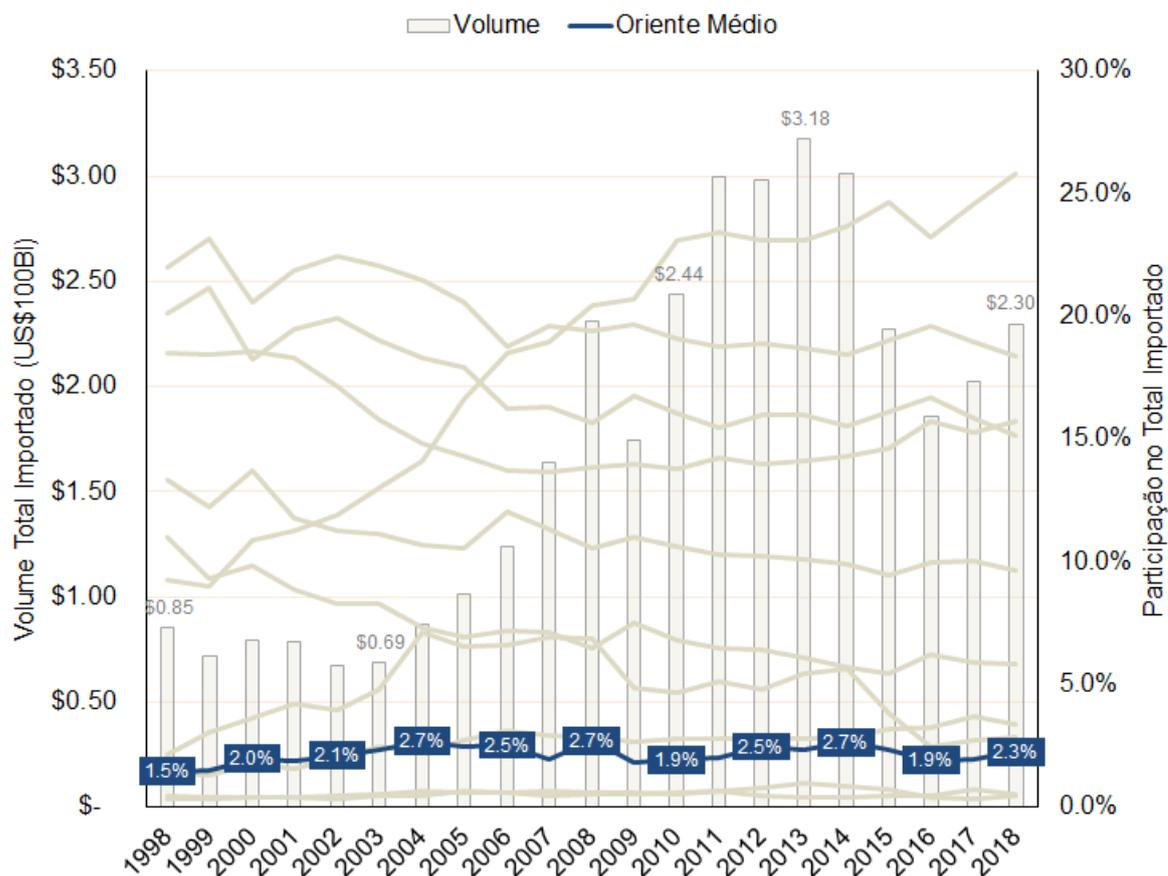


Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

## 5.2. Importações

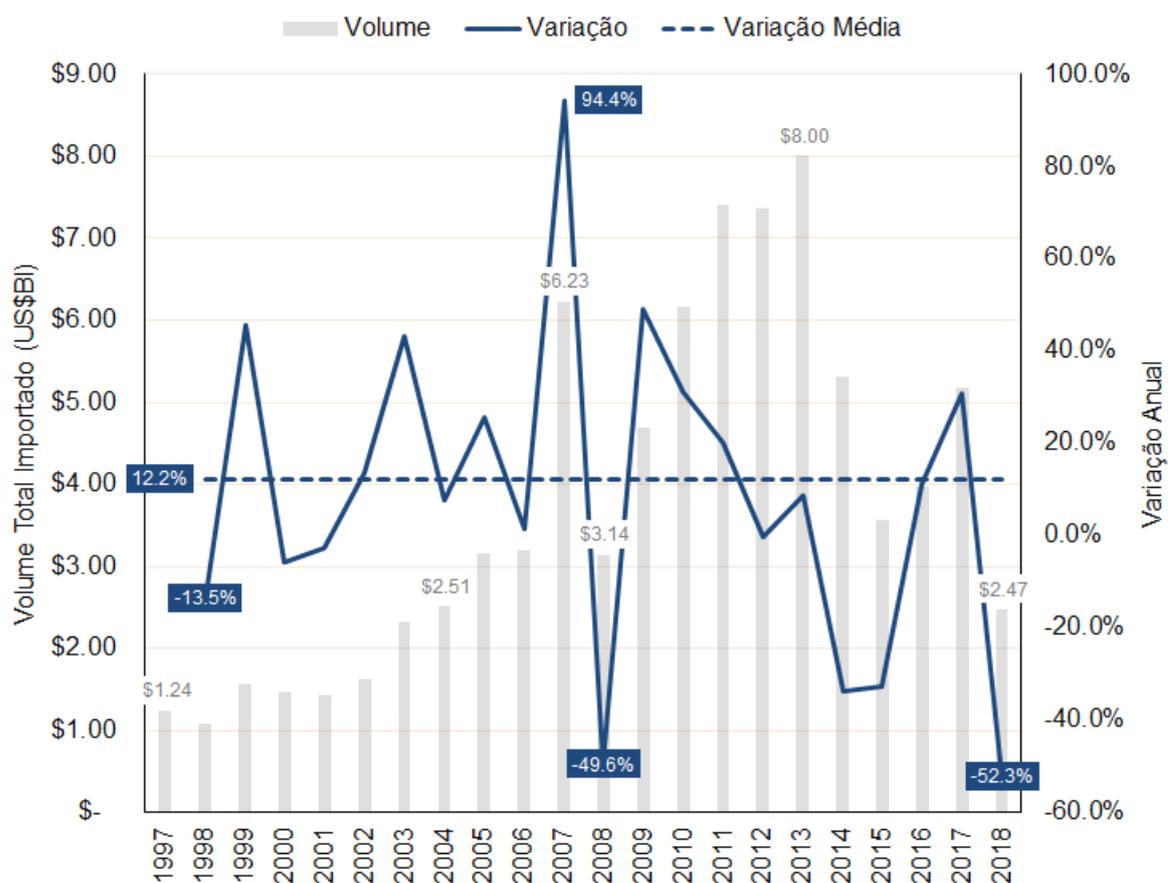
A participação do Oriente Médio nas importações do Brasil, em termos de volume em dólares, não foi muito expressiva em comparação aos outros blocos, e manteve uma constância ao longo do período de análise, não passando dos 2,7% entre os anos de 1998 e 2018.

**Figura 16 - Participação do Oriente Médio nas Importações Brasileiras**



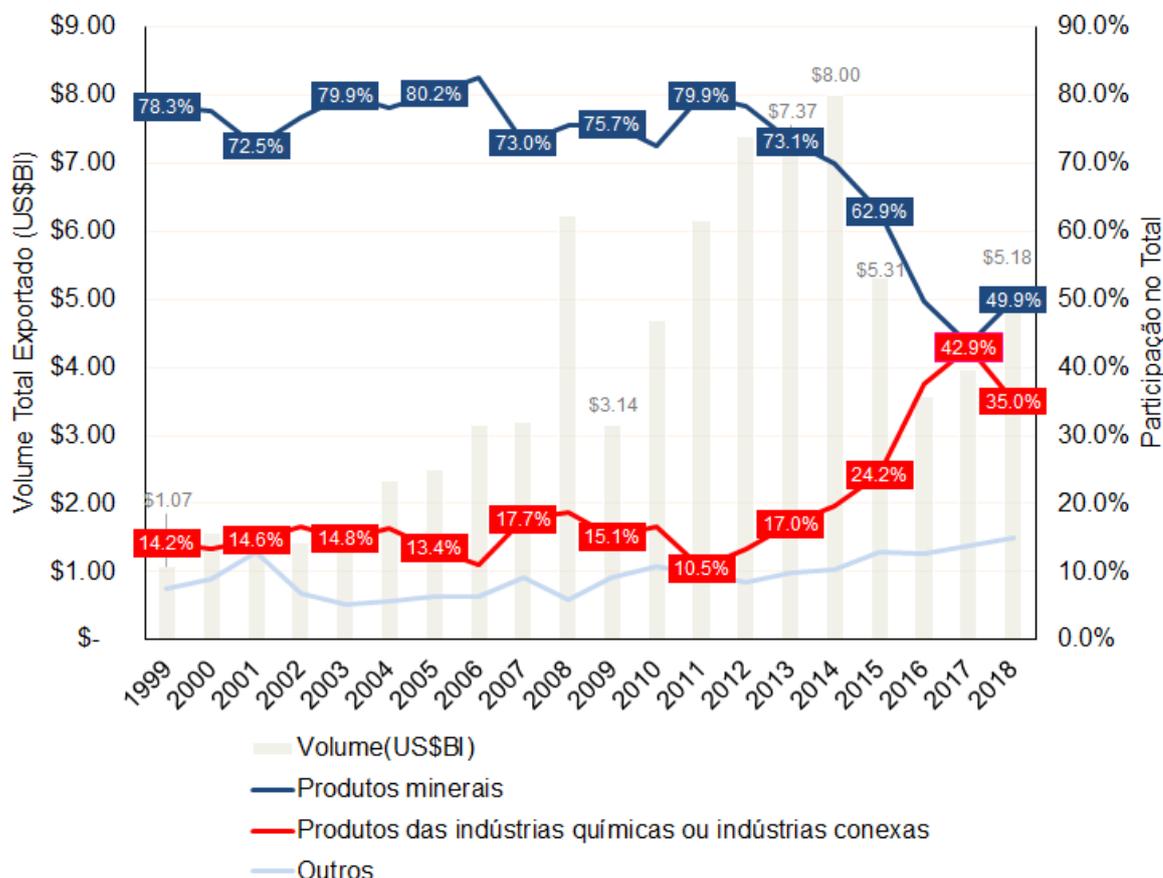
Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

É interessante notar que, de 2007 para 2008, houve um aumento no volume, em dólares, de mercadoria importada pelo Brasil, passando de U\$3,2 bilhões para U\$6,2 bilhões, revelando uma variação de, aproximadamente, 94,4%. Entretanto, entre os anos de 2008 e 2009, o volume importado apresentou uma queda de 49,6%, e acarretou na diminuição de U\$6,23 para U\$3,14 do volume de importação. Após essa queda, o volume apresentou variações positivas até 2013, próximo ao fim do governo Lula. A partir de 2014, o volume voltou a diminuir e, em 2018, chegou a patamares abaixo de 2014. No decorrer dessas duas décadas, o crescimento médio anual foi de 12,2%.

**Figura 17 - Importações do Oriente Médio ao Brasil**

Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Enquanto o Brasil exporta principalmente produtos alimentícios para os países árabes, o seu interesse para a importação é maior em produtos oriundos da extração mineral e de produtos da indústria química. De 1999 até 2011, aproximadamente, a participação dos produtos de extração mineral foi responsável por cerca de 75% do total importado do bloco árabe. A partir de 2011, sua participação decresceu a cada ano, para representar, aproximadamente, 50% do volume total importado. Já os produtos das indústrias químicas mantiveram, entre 1999 e 2011, uma maior constância de participação, com sua máxima de 17,7% do total. A partir de 2011, houve um aumento crescente, chegando em 42,9%, em 2017, e fechando 2018 com uma pequena queda para o nível de 35%. Esse aumento na participação se deve principalmente porque, nessa época, o Brasil começou a variar mais os seus fornecedores, que tinha como um dos principais agentes os EUA.

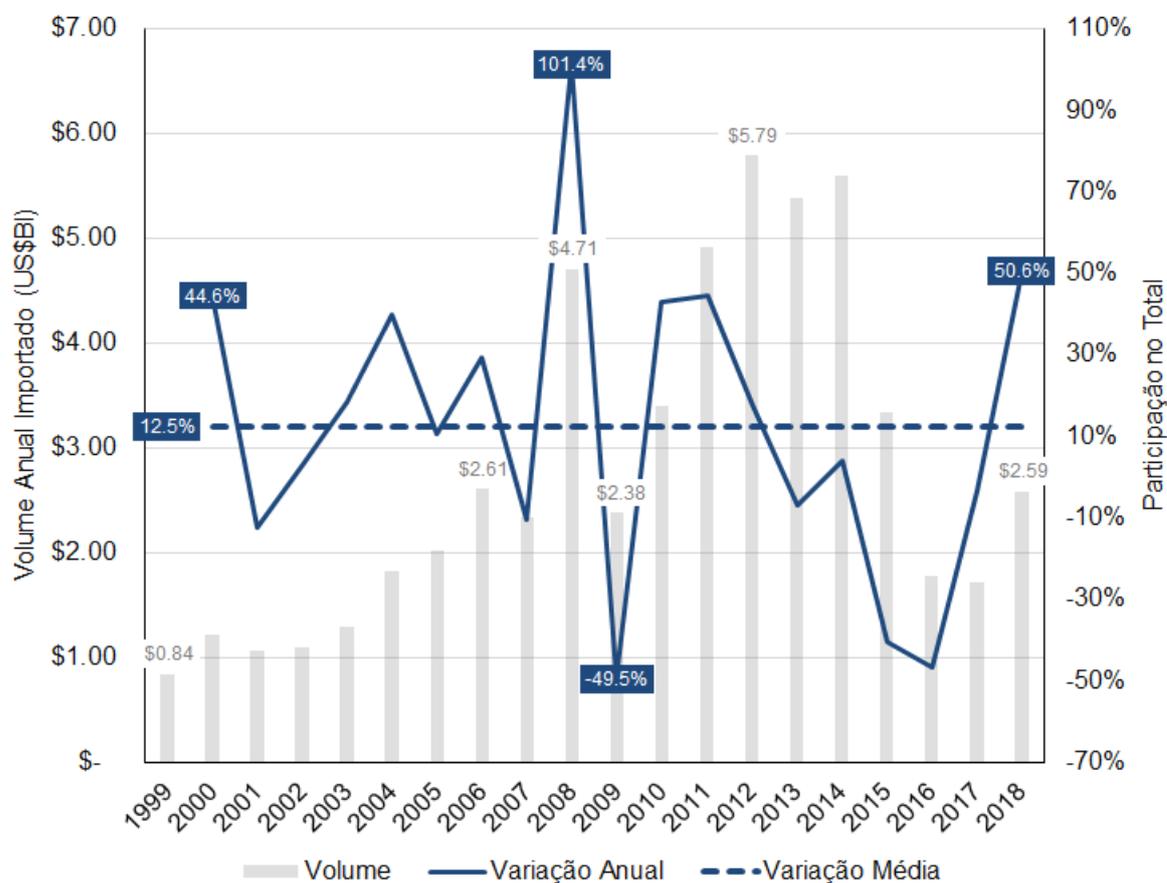
**Figura 18 - Principais Produtos Importados do Oriente Médio**

Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

### 5.2.1. Importação de produtos minerais

A importação de produtos minerais cresceu entre os anos de 1999 e 2018, em média, 12,5%. Os anos de 2008 e 2009 marcam os maiores picos positivo e negativo, respectivamente, dessas variações. Em 2008, pode-se notar que a variação da importação foi de 101,4%, referentes ao volume de U\$4,71 bilhões em importação. Por outro lado, no ano seguinte, houve uma queda de 49,5% do total importado, traduzidos em U\$2,38 bilhões em volume monetário. A partir de 2016, o Brasil apresentou um aumento constante no volume importado, chegando ao equivalente a U\$2,59 bilhões, registrados em 2018.

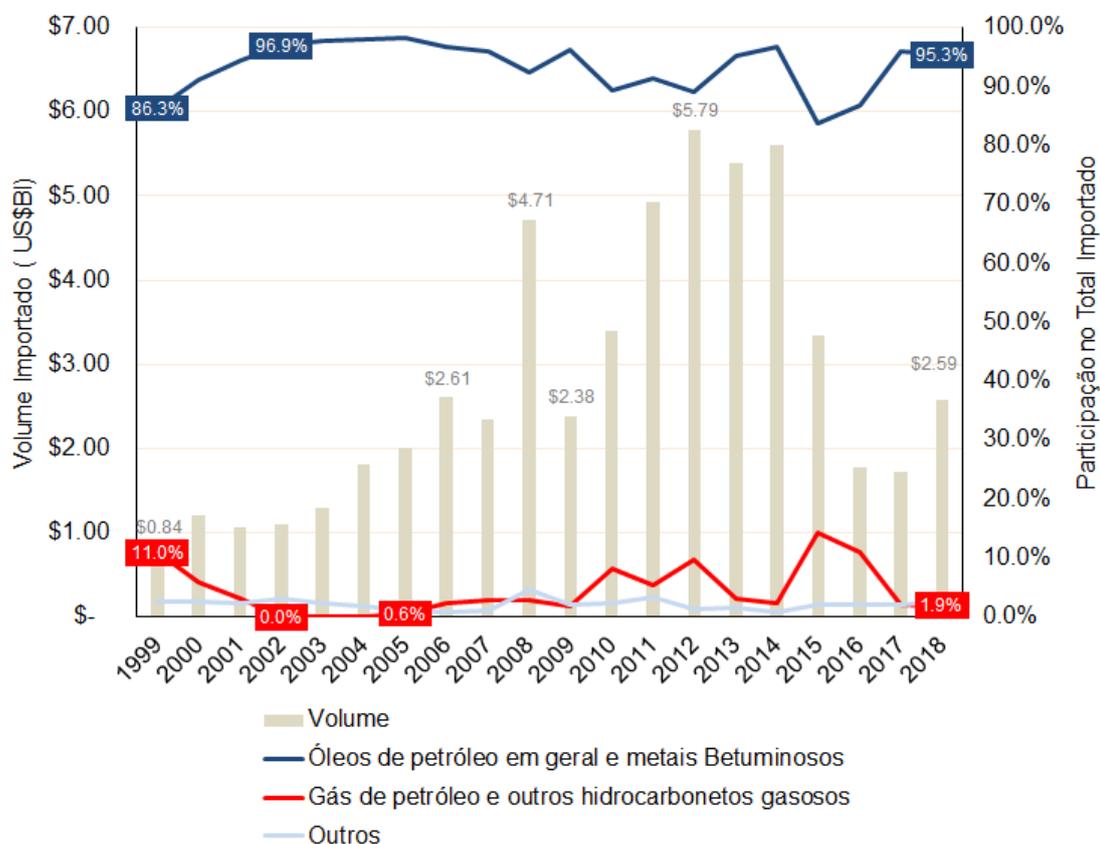
**Figura 19 - Importação de Produtos Minerais do Oriente Médio ao Brasil**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Os óleos de petróleo e metais betuminosos são os responsáveis pela maior porcentagem dos produtos minerais importados pelo Brasil dentre os anos analisados. Essa participação equivale a mais de 90% do total comprado pelo Brasil, com destaque para os anos de 2002 e 2018, que registraram picos de 96,9% e 95,3%, respectivamente. Os gases de petróleo, bem como outros hidrocarbonetos gasosos, possuem um certo destaque, ainda que pequeno, no grupo de minerais vindo de terras árabes. O ano de 1999 apresenta o maior nível, comparado aos demais, chegando a 11% do volume total. Todavia, os anos seguintes apresentaram seguidas baixas, apresentando, em 2002, 0% do total. O ano de 2018 fechou com o 1,9%, referentes a US\$49,21 milhões em importação.

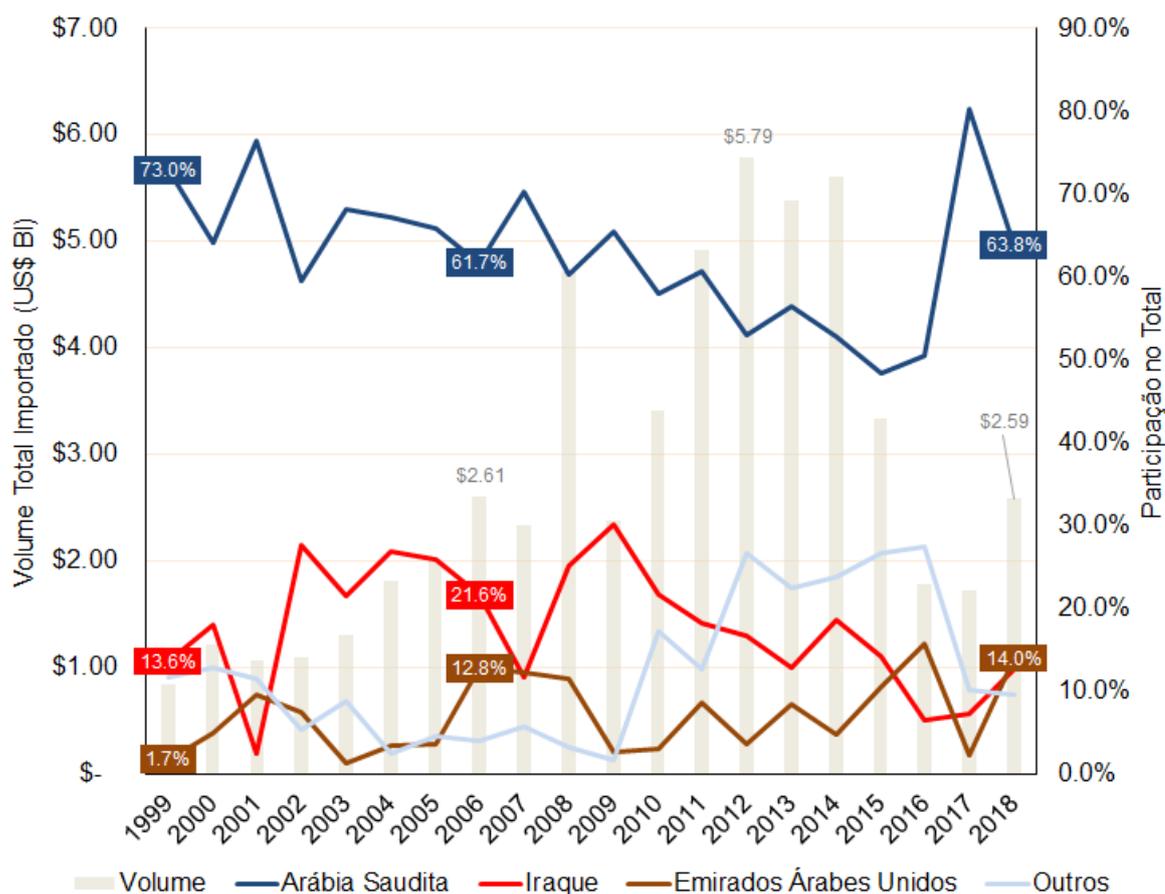
**Figura 20 - Principais Produtos Minerais do Oriente Médio Enviados ao Brasil**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

A Arábia Saudita é um dos maiores exportadores de petróleo e seus derivados do mundo, portanto, ela também é o país de origem da maior quantidade de petróleo importado pelo Brasil, com uma participação média de, aproximadamente, 60% do total do volume importado entre 1999 e 2018. O Iraque e os Emirados Árabes Unidos seguem atrás da Arábia Saudita como destaques comerciais, com participação de 21,6% e 12,8%, respectivamente. Em 2018, ambos convergiram para, aproximadamente, 14% do total de participação, que representa cerca de U\$362 milhões para cada um.

**Figura 21 - Origem dos Produtos Minerais do Oriente Médio Exportados ao Brasil**

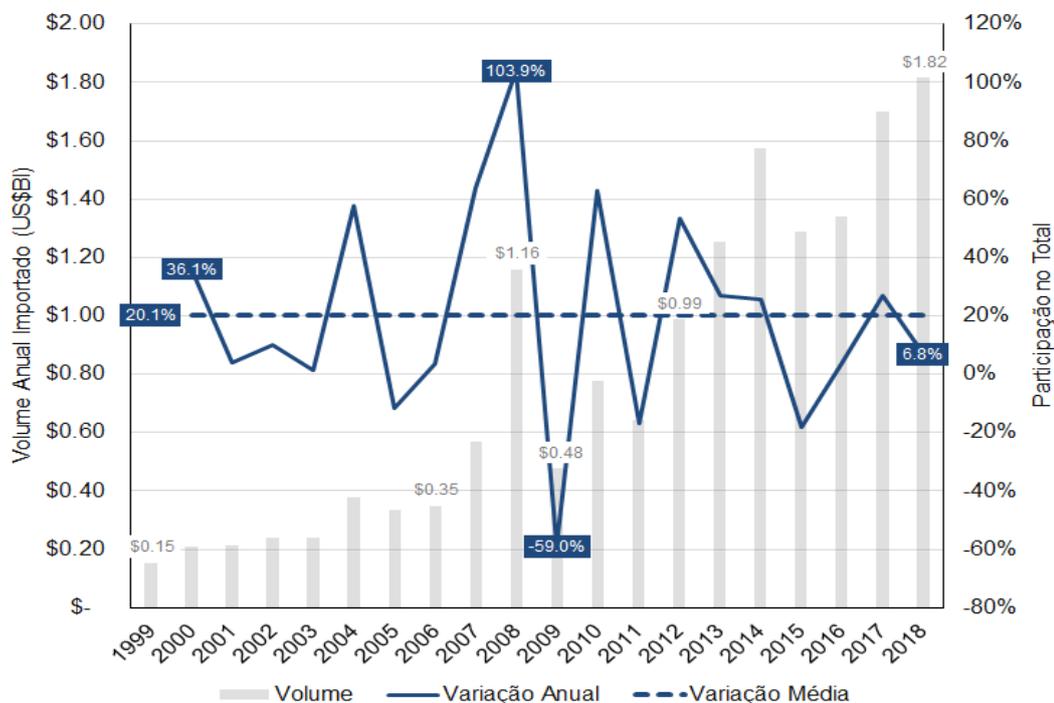


Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

### 5.2.2. Produtos da indústria química

O Brasil apresentou um crescimento no montante de produtos químicos importados do Oriente Médio entre 1999 e 2018. A variação média anual foi de 20,1%, com a maior variação registrada na passagem de 2007 para 2008, de aproximadamente 103,9%, com o volume de U\$1,16 bilhão. De 2008 para 2009, entretanto, foi registrada uma queda de 59%, a maior desses 19 anos, referente a U\$480 milhões.

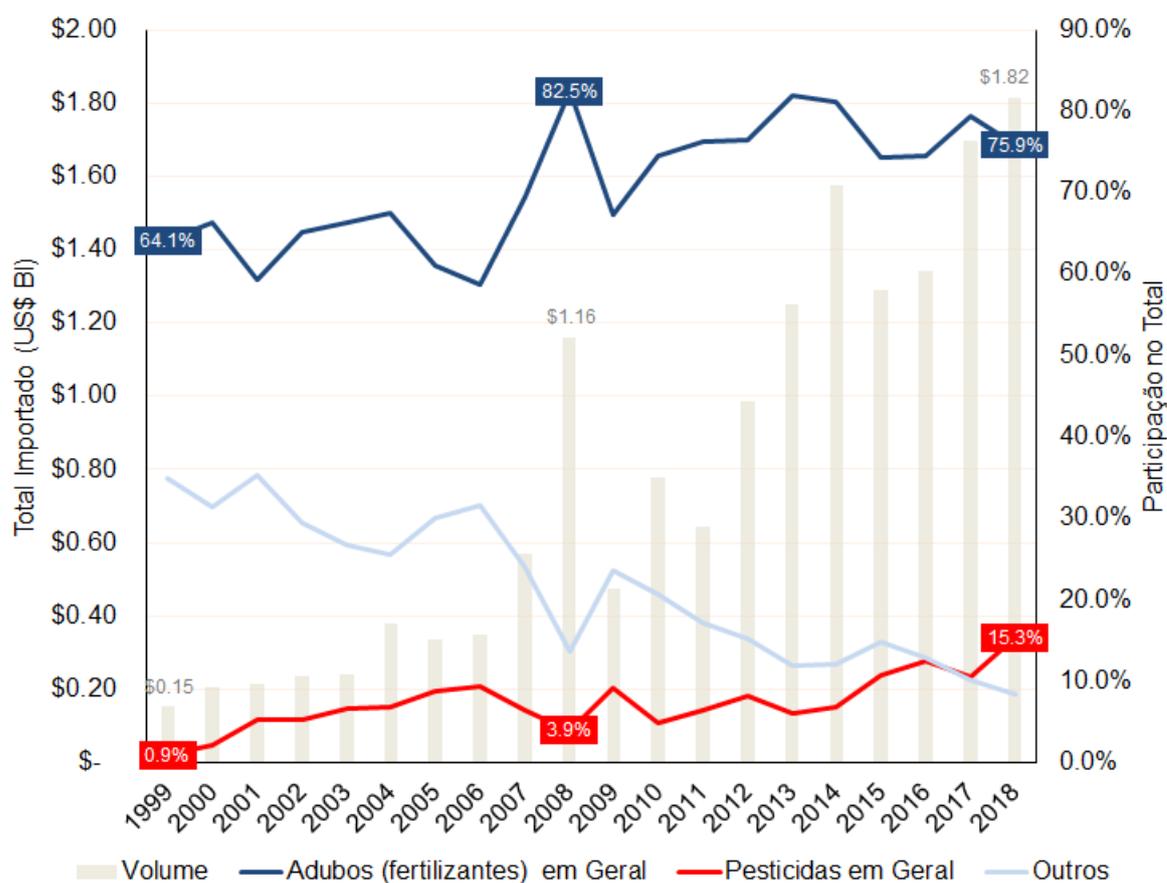
**Figura 22 - Importação de Produtos Químicos do Oriente Médio ao Brasil**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Dentre os principais produtos químicos importados, os protagonistas são aqueles relacionados à agricultura, como adubos e pesticidas. O adubo usado como fertilizante é o mais demandado. Ele corresponde por mais da metade da participação total, com o auge em 2008, com 82,5%, o que equivale a U\$957 milhões em volume monetário.

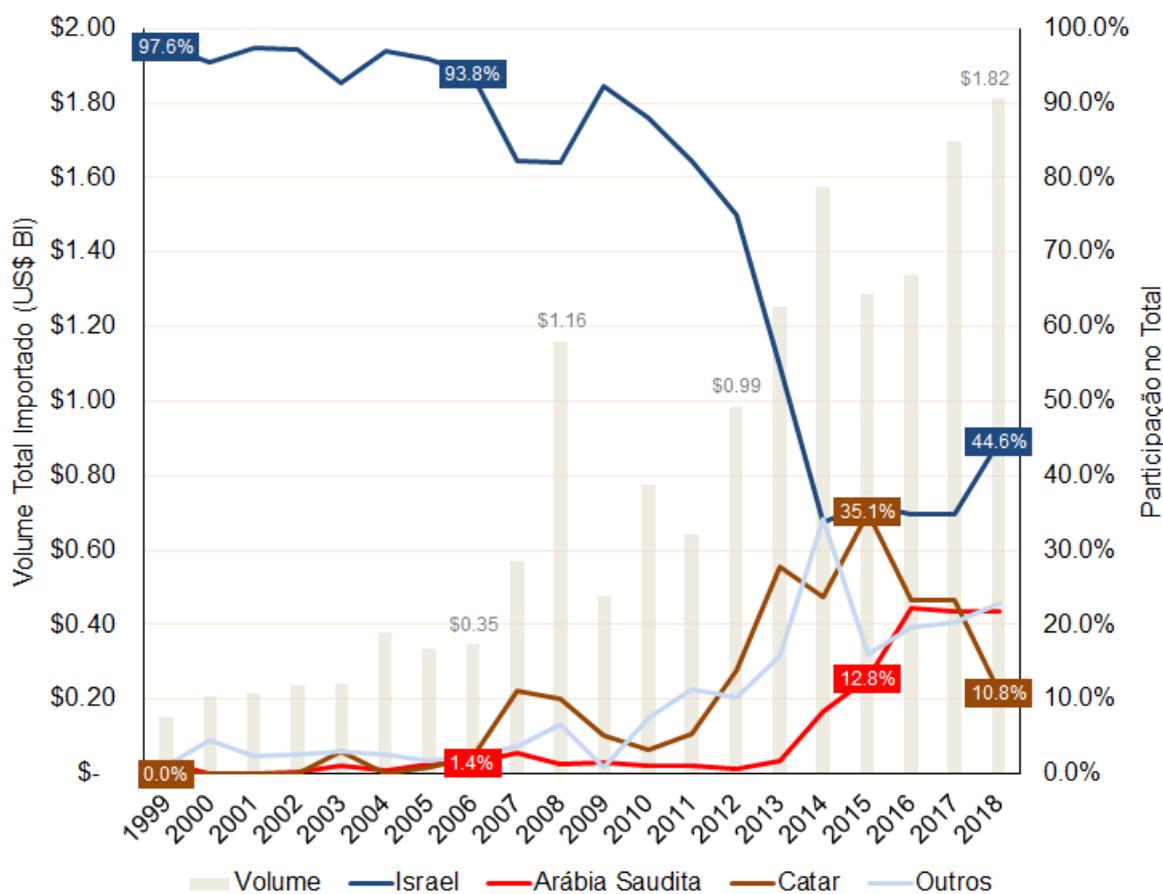
**Figura 23 - Principais Produtos Químicos do Oriente Médio Enviados ao Brasil**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

Entre 1999 e 2009, Israel era responsável por praticamente toda a exportação de produtos químicos para o Brasil, chegando a 97,6% em 1999, e a 93,8% em 2006. A partir de 2009, foi registrada uma queda persistente de sua participação, se estabilizando em 2014 e obtendo um pequeno aumento em 2017, fechando o ano de 2018 com 44,6%, equivalente a U\$81,18 milhões. A partir de 2006, nota-se um crescimento na concorrência pelo mercado brasileiro, com destaques para a Arábia Saudita e o Catar. O segundo país citado apresentou um destaque maior, chegando a 35,1% do total importado pelo Brasil em 2015. Entretanto, houve uma queda nos anos subsequentes, fechando 2018 com 10,8% do total, o que equivale a aproximadamente U\$19,65 milhões.

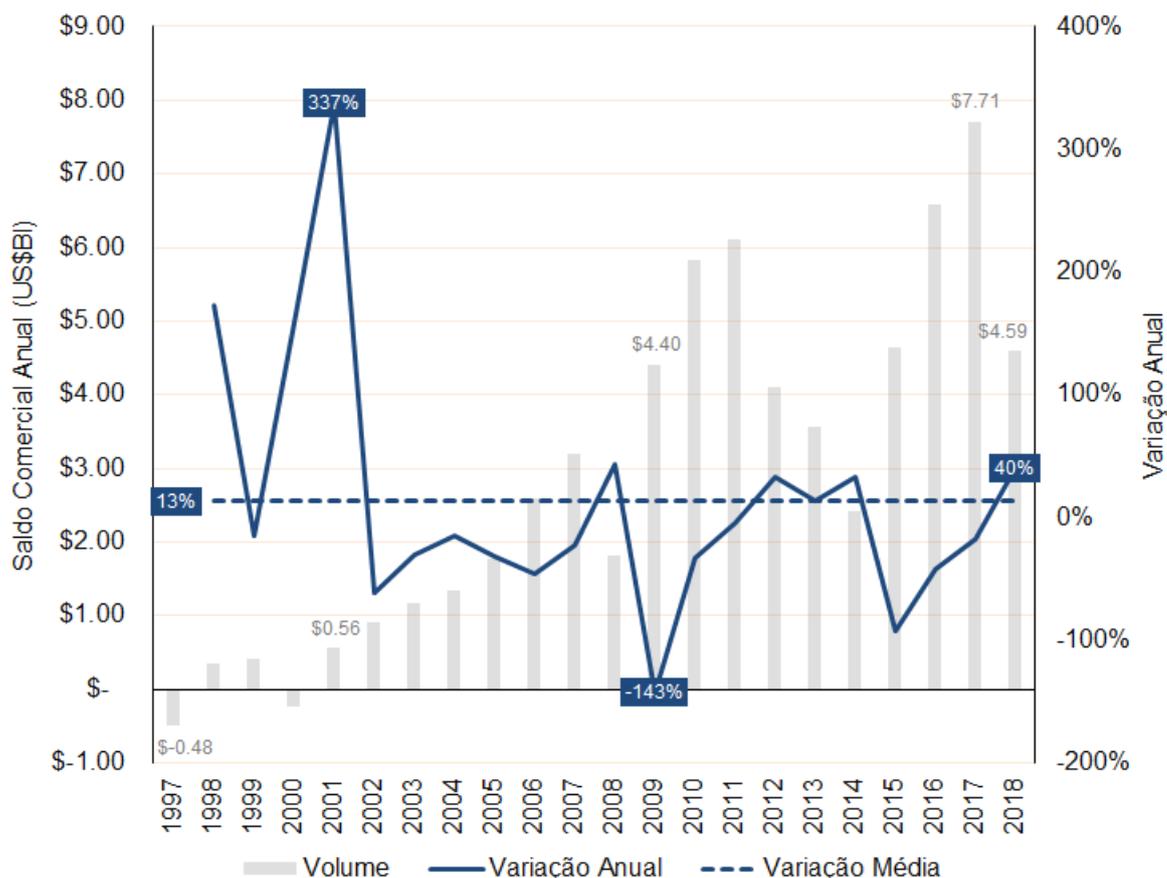
**Figura 24 - Origem dos Produtos Químicos do Oriente Médio Exportados ao Brasil**



Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

### 5.3. Balança comercial entre Brasil e Oriente Médio

A balança comercial entre o Brasil e o Oriente Médio se manteve favorável em praticamente todos os anos, com exceção de 1997 e 2000. Isso significa que o Brasil exportou mais do que importou em 19 dos 21 anos analisados. A variação média foi de 13% ao ano, com o maior saldo registrado em 2017, calculado em U\$7,71 bilhões. Essa relação revela que os países do Oriente Médio são importantes parceiros econômicos do Brasil, pois sua dependência pelas *commodities* produzidas, principalmente no que diz respeito aos produtos agropecuários, geram uma boa fonte de receita para o Estado brasileiro.

**Figura 25 - Balança Comercial entre Brasil e Oriente Médio**

Fonte: Comex Stat; elaboração: própria

## 6. Notas conclusivas

Ao finalizar a análise das relações políticas e econômicas entre Brasil e Oriente Médio, evidencia-se ainda mais o impacto dos fluxos globais de comércio e socioculturais entre essas duas regiões. Mostrou-se que, durante o regime militar, o pragmatismo comercial foi soberano e capaz de fazer o Brasil ter importantes aliados na região (com ênfase no Iraque) e, dessa forma, conseguiu expandir suas fronteiras econômicas e diplomáticas. Por conta de o Brasil ter tido a matriz energética sustentada pelo petróleo, havia déficit na balança comercial brasileira com a região, que levou a tentativas frustradas de se aumentar as vendas de manufaturados e outros produtos. Tal descompasso fez com que o Brasil buscasse ser autossuficiente em petróleo e, por duas décadas, o Oriente Médio se mantivera distante.

Durante o governo Lula, houve essa nova guinada para o Oriente Médio com escopo de fomentar o envolvimento maior do comércio Sul-Sul. Ao fomentar a ligação entre duas regiões marginalizadas da comunidade internacional, houve uma tentativa



de legitimizar um comércio fora do eixo e mostrar como era possível existir uma ideia alternativa ao modelo de Centro – Periferia. O governo Dilma buscou continuar esse tipo de ligação com o Oriente Médio, porém, como foi visto, com menos vigor que a gestão do ex-presidente Lula se propôs.

Com a análise dos dados sobre comércio entre Brasil e Oriente Médio, fica claro como a interligação dessas economias desempenha um papel fundamental para as partes. Tanto o pragmatismo de outrora quanto inclusão do comércio Sul-Sul tiveram reverberações positivas para a década de 2010. Corrigiram-se erros do passado como, por exemplo, a baixa noção de como funcionava o mercado do Oriente Médio para se ter um maior volume de exportação, assim como reverter os déficits na balança comercial para conseguir um grande superávit na década presente.

## **Referências**

- PINO, Bruno Ayllón; LEITE, Iara Costa. **O Brasil e a Cooperação Sul-Sul: contribuições e desafios**. Meridiano 47-Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais, n. 113, 2009.
- LIMA, Maria Regina Soares de. **A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul**. Revista Brasileira de Política Internacional, v 48, n. 1, p.33-35, jan. 2005.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v48n1/v48n1a02.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- DE OLIVEIRA, Henrique Altemani; LESSA, Antônio Carlos. **Relações internacionais do Brasil: temas e agendas**. Editora Saraiva, 2006.
- AMAR, Paul. **The Middle East and Brazil: Perspectives on the new global south**. Indiana University Press, 2014.
- LESSA, Antonio Carlos. (2000). **Israel e o mundo árabe no cruzamento das escolhas internacionais do Brasil**. In: Santos, Norma Breda dos (org.). Brasil e Israel: diplomacia e sociedades. Brasília: Editora da UnB.
- SANTANA, Carlos Ribeiro. (2006). **O aprofundamento das relações do Brasil com os países do Oriente Médio durante os dois choques do petróleo da década de 1970: um exemplo de ação pragmática**. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol. 49, N<sup>o</sup>. 2.
- CID, Mauro. (2017). **A estratégia brasileira no Oriente Médio: uma visão histórica no século XX**. Conjuntura Internacional. Vol.14, N<sup>o</sup>.1, p.39 - 53, abr. 2017.
- KURI, Marta, Tawil. **Latin American Foreign Policies towards the Middle East**. New York. Palgrade Macmillan. 2016.
- FARES, Seme Taleb. (2007). **O Pragmatismo do Petróleo: as relações entre o Brasil e o Iraque**. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol. 50, N<sup>o</sup>. 2.
- SANTOS, Norma Breda dos (org.), **Brasil e Israel: diplomacia e sociedades**. Brasília: EdUnB, 2000; 264 p.
- STAT, Comex (Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços), **Exportação e Importação Municípios** (2AMAR, Paul (ed.). The Middle East and Brazil: Perspectives on the new global south. Indiana University Press, 2014.
- CID, Mauro. (2017). **A estratégia brasileira no Oriente Médio: uma visão histórica no século XX**. Conjuntura Internacional. Vol.14, N<sup>o</sup>.1, p.39 - 53, abr. 2017.
- DE OLIVEIRA, Henrique Altemani; LESSA, Antônio Carlos. **Relações internacionais do Brasil: temas e agendas**. Editora Saraiva, 2006.
- FARES, Seme Taleb. (2007). **O Pragmatismo do Petróleo: as relações entre o Brasil e o Iraque**. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol. 50, N<sup>o</sup>. 2.
- KURI, Marta, Tawil. **Latin American Foreign Policies towards the Middle East**. New York. Palgrade Macmillan. 2016.



- LESSA, Antonio Carlos. (2000). **Israel e o mundo árabe no cruzamento das escolhas internacionais do Brasil**. In: Santos, Norma Breda dos (org.). *Brasil e Israel: diplomacia e sociedades*. Brasília: Editora da UnB.
- LIMA, Maria Regina Soares de. **A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul**. *Revista Brasileira de Política Internacional*. V. 48, n. 1, p.33-35, jan. 2005.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v48n1/v48n1a02.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- PINO, Bruno Ayllón; LEITE, Iara Costa. **O Brasil e a Cooperação Sul-Sul: contribuições e desafios**. *Meridiano 47-Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais*, n. 113, 2009.
- SANTANA, Carlos Ribeiro. (2006). **O aprofundamento das relações do Brasil com os países do Oriente Médio durante os dois choques do petróleo da década de 1970: um exemplo de ação pragmática**. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Vol. 49, N<sup>o</sup>. 2.
- SANTOS, Norma Breda dos (org.), **Brasil e Israel: diplomacia e sociedades**. Brasília: EdUnB, 2000; 264 p.
- STAT, Comex (Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços), **Exportação e Importação Municípios** (2019). Disponível em <[comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio](http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio)>. Acesso em: 01/08/2019.